

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MILENA KULIK

THAMIRES CRISTIANE DO NASCIMENTO

BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

CURITIBA

2019

MILENA KULIK

THAMIRES CRISTIANE DO NASCIMENTO

BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR:

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Graduação do curso de
Pedagogia, Setor de Educação, Universidade
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Josafá Moreira Cunha

CURITIBA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO - CURSO PEDAGOGIA

FICHA DE AVALIAÇÃO DE TCC

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
Título do trabalho: Bullying no ambiente escolar: desafios e perspectivas
Prof (a). Orientador (a): Josafá Moreira Cunha
Acadêmico (os) / Acadêmica(s): Milena kulik e Thamires Cristiane do Nascimento
Nome do/a Avaliador/a: Gabriela Reys Ormeno

CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Crítérios	Valor:	Nota:
Introdução: apresentação do tema, problema e objetivos: coerência e clareza ao apontar esses elementos;	10 pontos	
Revisão bibliográfica: fundamentação teórica e problematização do tema: coerência com o problema e objetivos de pesquisa; atualização da bibliografia empregada; uso criterioso de fontes bibliográficas e clareza na sua indicação, em citações diretas ou indiretas;	20 pontos	
Metodologia: adequação aos objetivos; fundamentação e procedimentos utilizados para coleta e análise de dados: clareza ao apontar esses elementos;	20 pontos	
Resultados - Análise de dados e conclusões: capacidade crítica do acadêmico e capacidade de síntese dos principais resultados; Conclusões – capacidade de síntese e coerência com os demais elementos do TCC.	25 pontos	
Desempenho no momento da arguição;	10 pontos	
Apresentação do TCC – Normas técnico-científicas, clareza, fluência e correção da redação.	15 pontos	
Nota final (0 a 100)	100 pontos	

Assinatura do/a Avaliador/a: _____

Data: _____

Dedicamos este trabalho a todas as crianças, adolescentes e adultos que sofreram ou ainda sofrem com as práticas de bullying. Dedicamos também a todos os professores na esperança da construção de uma sociedade mais justa e livre de qualquer preconceito e exclusão.

AGRADECIMENTO

Começo a agradecer primeiramente a Deus por me dar bênçãos maiores do que eu mereço, por me sustentar nas dificuldades, ter me dado força e me amado incondicionalmente. Foi no Senhor que obtive ânimo e coragem para alcançar minha meta e a realizar este sonho que pertence a Ele.

Possuo um enorme sentimento de gratidão à esta Universidade por ter me proporcionado essa chance de aprendizagem. Agradeço também pelos professores que o Senhor colocou em meu caminho, pela paciência comigo e com meus comentários em sala de aula, todos contribuíram de alguma forma para o meu amadurecimento, por me tornarem resiliente e acreditar em meu potencial. Agradeço principalmente ao orientador Josafá Moreira da Cunha pelo apoio na construção deste trabalho, pois creio que esta monografia poderá ajudar muitas pessoas e sem sua ajuda isso não seria possível.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida, sejam elas boas ou ruins, que de uma alguma forma fizeram eu me tornar quem eu sou, ou quem eu não quero ser, que Deus os abençoe, pois hoje acredito em mim.

(Thamires Cristiane)

Primeiramente agradeço a Deus por cada vitória ao longo desse percurso, por cada dia vivido, pela saúde e força para superar as minhas dificuldades. Ele é realmente o maior responsável por essa conquista.

À minha família, peça chave que representa equilíbrio e exemplo, que me deram apoio emocional e prático em todas as necessidades, serei sempre grata.

Aos professores reconheço o esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias. Em especial, agradeço ao professor orientador Josafá Moreira da Cunha pelo suporte, pelas suas correções, incentivos, pela orientação durante esse ano e pela indispensável contribuição de seu profundo conhecimento teórico, metodológico e da realidade acadêmica.

A Universidade Federal do Paraná, pela oportunidade de fazer o curso, e pelo ambiente criativo e amigável que proporciona.

Agradeço ainda a todas as pessoas que de uma forma direta ou indireta estiveram envolvidas na realização deste trabalho, o meu muito obrigada.

(Milena Kulik)

A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo.

Albert Einstein

RESUMO

O objetivo deste estudo foi uma pesquisa documental sobre os primeiros relatos de pesquisas sobre bullying, suas consequências, as diferentes formas de agressão que acontecem dentro da instituição educacional e medidas de intervenção. O bullying é um conjunto de comportamentos agressivos, são formas de violência que ocorrem de maneira intencional e repetitiva, na escola esse fenômeno ocorre por meio das interações entre os alunos de forma negativa, que podem levar a sofrimento às vítimas. O bullying está agregado, por diversos preconceitos sociais, a graves consequências à saúde mental dos jovens e a dificuldade de formação moral de personalidades encontradas no ambiente familiar e social. Portanto são necessárias medidas de intervenção na instituição escolar para o combate ao bullying.

Palavras chaves: bullying; interações; medidas de intervenção; instituição escolar.

ABSTRACT

The objective of this study was a documentary research on the first reports of research on bullying, its consequences, the different forms of aggression that happen inside of the educational institution and intervention measures. Bullying is a set of aggressive behaviors, they are forms of violence that occur intentionally and repetitively, at school this phenomenon occurs through negative interactions between the students, which can lead to suffering for the victims. Bullying is aggregated, by various social prejudices, to serious consequences to the mental health of young people and the difficulty of moral formation of personalities found in the family and social environment. Therefore, measures of intervention are necessary in the educational institution to fight bullying.

Keywords : bullying; interactions; intervention measures; educational institution.

LISTA DE SIGLAS

CANE - Coordenadoria de Atendimento às Necessidades Especiais

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

PCN - Parâmetros curriculares nacionais

PMEDH - Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	12
1.1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA	12
2. ETIMOLOGIA DO BULLYING	14
3. VIOLÊNCIA.....	16
3.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA.....	16
3.2 VIOLÊNCIA FAMILIAR.....	18
3.3 VIOLÊNCIA ESCOLAR	18
4. DEFINIÇÕES DE BULLYING	21
5. CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS DO BULLYING	23
5.1 CONSEQUÊNCIAS PARA OS SUJEITOS VÍTIMAS DO BULLYING....	27
6.INTERAÇÕES	30
6.1 INTERAÇÕES FAMILIARES.....	30
6.2 INTERAÇÕES ENTRE ALUNOS	31
7. CLIMA ESCOLAR.....	33
8. PROFESSORES E O BULLYING.....	36
9. LEIS ANTIBULLYING.....	39
10. FUNÇÃO SOCIAL DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR	44
11. COMBATE AO BULLYING.....	47
11.1 MEDIDAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO	49
11.2 INTRODUZINDO AÇÕES ANTIBULLYING NA SALA DE AULA.....	59
11.3 COMO TRABALHAR COM O BULLYING	62
12. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS.....	67

1.INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O bullying é um fenômeno que ocorre em qualquer instituição escolar sendo pública ou privada, entre alunos com uma relação desigual de poder que gera agressões repetitivas sendo elas físicas ou psicológicas. Neste trabalho refletimos sobre os estudos de Bronfenbrenner e de sociólogos sobre a função social da escola, enfatizamos a necessidade de relações sociais primárias afetiva de um Clima Escolar positivo, formação dos professores sobre o bullying e o auxílio de um psicólogo para todos os envolvidos com o fenômeno bullying.

Estas medidas são necessárias, pois o bullying gera as vítimas maior propensão a desenvolver fatores como ansiedade, depressão, falta de motivação, redução do rendimento escolar e ideias suicidas. (Marcolino, Vieira, Cavalcanti, 2013).

De acordo com Mendes (2011), em seu estudo ele complementa esta ideia em danos à saúde do indivíduo e aos demais “uma criança vítima de maus tratos de forma repetida e regular, pode apresentar sequelas graves, como o desenvolvimento de distúrbios de ansiedade, depressão crônica e até mesmo o suicídio e o homicídio” (MENDES, 2011 p. 582).

Existem várias propostas de conceituar bullying, acolhemos em nosso trabalho os termos bullying, vitimização entre pares ou violência entre alunos como ações repetitivas caracterizadas pelo predomínio de poder exercido por meio de comportamentos agressivos, gerados por interações negativas recorrentes entre alunos que envolvem maus tratos físicos ou psicológicos que prejudicam essas vítimas que podem até se tornar vítimas agressoras.

Compreendemos a gravidade deste assunto, nosso trabalho tem o objetivo de esclarecer o que é o bullying e como diminuir os casos de bullying nas escolas, para isso enfatizamos os estudos pioneiros sobre o bullying, que no início eram vistas apenas como brincadeiras de criança e com o decorrer de acontecimentos trágicos foi notada a necessidade de intervenção e pesquisa na área.

O bullying, não se trata só da violência, mas de uma defasagem nas interações entre os pares, não há só um perfil de agressor como também não há só um perfil de vítimas, mas analisando o contexto em que está ocorrendo a interação negativa, é necessário observar o contexto social dos envolvidos, da criação que tiveram ou se vivem em lares de vulnerabilidade.

O bullying como um fenômeno social de grande relevância, que possui características específicas, deve ser analisado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade (FREIRE, AIRES, 2012, p. 59).

Para a identificação de ações de vitimização entre pares, é necessário assegurar os direitos dos alunos e junto com a comunidade e com a instituição escolar, adotar medidas de prevenção para conseguirmos diminuir os efeitos e as práticas de bullying.

A violência escolar e as leis designadas aos direitos dos estudantes contra qualquer forma de maus tratos são ressaltadas para que a interação entre pares seja positiva, com um ambiente escolar positivo. O Clima Escolar para as práticas positivas e a construção de um ambiente harmonioso propício ao desenvolvimento dos estudantes, juntamente com a comunidade escolar e principalmente com as percepções dos professores sobre as ações que são denominadas bullying.

De acordo com as nossas leituras os indivíduos que praticam bullying em sua maioria são crianças com pais autoritários, pais segregados, pais que utilizam drogas ou que possua algum risco família, ou seja, estão em situações de vulnerabilidade, tem seus direitos negligenciados, sendo necessário esta compreensão da historicidade de vida do indivíduo para a compreensão da prática do bullying e métodos de intervenção.

2. ETIMOLOGIA DO BULLYING

No cotidiano das instituições de ensino, sendo elas públicas ou privadas, encontramos variadas formas de violência entre alunos, estes alunos vivenciam situações humilhantes como apelidos, ameaças, humilhações, brincadeiras de mau gosto, fofocas, chantagens e agressões físicas, quando estes atos se tornam repetitivos o chamamos de bullying.

Os pensadores Freire e Aires (2012) discorrem sobre os estudos do fenômeno bullying que iniciaram em 1970, na Suécia e Dinamarca, caracterizado como brincadeiras inofensivas. Na década de 80, os estudos sobre essas “brincadeiras inofensivas” começaram a serem investigados pelo Doutor Dan Olweus, que relatou que essas “brincadeiras” não eram inofensivas, porém não foi dada a devida atenção a esses estudos até que em 1983 três jovens da faixa etária de 10 a 14 anos cometeram suicídio, sendo que a causa aparente foi de maus-tratos escolar.

O doutor e pesquisador Dan Olweus foi o primeiro a compreender que as “brincadeiras inofensivas” eram na verdade uma violência entre os alunos que se repetia cotidianamente e necessitava de uma intervenção. Seus estudos foram realizados na Universidade de Bergen na Noruega, é considerado um dos pioneiros nos estudos sobre o bullying e suas pesquisas e livros são de grande importância até hoje quando se trata desse tema.

A escritora Cléo Fante (2005) destaca a importância do trabalho de Dan Olweus por ter desenvolvido critérios para identificar a ocorrência do bullying.

Dan Olweus pesquisador da Universidade de Bergen, desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo amadurecimento do indivíduo”. (FANTE, 2005, p. 45).

Nos estudos de Freitas (2004) sua pesquisa informa que depois do ocorrido em 1983 com o suicídio dos três jovens, as autoridades governamentais pressionadas pela população iniciaram um programa em escala nacional, anti-bullying, Campanha Nacional de 1993, com o programa de Olweus que possui um questionário, consistindo de um total de 25 questões

com respostas de múltipla escolha, nele se verificava a frequência, tipos de agressões, locais de maior risco e percepções individuais quanto ao número de agressores, se verificou que 1 em cada 7 estudantes sofria bullying.

Freitas (2004) relata que Olweus publicou o livro *“bullying at School”* em 8 de dezembro de 1993, apresentando o bullying e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores.

O Governo Norueguês, apoiou os métodos do Doutor Olweus e os resultados foram a redução de cerca de 50% dos casos de bullying nas escolas, pois o questionário de Olweus destinava-se a apurar as situações de vitimização/agressão segundo o ponto de vista da própria criança e adolescente possibilitando assim, o estabelecimento de comparações interculturais e medidas de prevenção. (Freitas, 2004).

3. VIOLÊNCIA

3.1 CONCEITO DE VIOLÊNCIA

A palavra bullying, segundo dicionário Michaelis (2019) significa: “Ato agressivo sistemático, envolvendo ameaça, intimidação ou coação, praticado contra alguém, por um indivíduo ou um grupo de pessoas. Ocorre geralmente em escolas, porém pode ser praticado em qualquer outro local. Trata-se de ação verbal que pode, em situações extremas, evoluir para agressão física”.

Compreendendo que o para ser denominado bullying, é necessário que a violência ocorra repetidas vezes, primeiramente iremos descrever os tipos de violência. Ressaltamos que a violência se manifesta de diversas maneiras, mas não devemos aderir ela como parte da condição humana.

A Organização Mundial da Saúde ((KRUG, DAHLBERG, MERCY, ZWI, LOZANO, p. 5, 2002) define violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

O Relatório Mundial sobre Violência e Saúde ((KRUG, DAHLBERG, MERCY, ZWI, LOZANO, 2002), descreve a violência coletiva e interpessoal:

- Violência coletiva: inclui crimes de ódio cometidos por grupos organizados e violência de multidões, conflitos de violência pertinentes entre vários atos de violência que atingem um grupo de pessoas.
- Violência interpessoal: pode ser realizada entre os membros da família e parceiros íntimos, ou entre pessoas sem parentesco sendo conhecidas ou desconhecidas, é definida como aquela que ocorre no ambiente social em geral, praticada por meio de agressão às pessoas, por atentado à sua integridade e vida.

Nos estudos de Carvalho (2012), ele cita formas de violência de acordo com uma pesquisa da UNESCO em 2002, sendo elas:

- A violência física: é o uso intencional da força, que tem o objetivo

de machucar e deixar marcas na vítima, causando danos materiais e fisiológicos.

- A violência psicológica: é a agressão emocional, muitas vezes essa violência acaba gerando um tratamento de indiferença e rejeição, que pode deixar marcas para o resto da vida na vítima.
- A violência política: é definida como um ato de terrorismo, os objetivos finais dessa violência é a opressão social e a inadequação de indivíduos e ideias.
- A violência cultural: é a troca de valores forçados, não respeitando a identidade cultural do indivíduo.
- A violência verbal: comportamento agressivo, caracterizado por palavras danosas, xingamentos e ameaças.
- A violência sexual: tentativa de obtenção de ato sexual por violência.

Não existe um fator único que explique a existência da violência, pois ela é um comportamento muito complexo que envolve fatores individuais, de relacionamento familiar e culturais, porém existe um modelo ecológico de Bronfenbrenner (Bhering e Sarkis, 2009) que estuda o relacionamento de pessoas que consideram os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que uma pessoa traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ela ser vítima ou perpetrador da violência.

Bhering e Sarkis (2009) analisam este modelo ecológico de Urie Bronfenbrenner que é uma das explicações mais aceitas sobre a influência do meio social no desenvolvimento dos indivíduos. O psicólogo criador da teoria observou que o comportamento das crianças mudava enquanto elas cresciam, em sua teoria existem cinco sistemas : o microssistema formado pelos grupos que têm contato direto com a criança, como família e escola; mesossistema diz que a relação dos pais com os professores impacta sobre a personalidade da criança; exossistema não possui contato direto com a criança, pois são as experiências pessoais das pessoas que convivem com a criança que de modo indireto dão impacto ao comportamento da criança; macrossistema são os elementos culturais que estamos imersos e cronossistema é o momento pessoal que a criança está, em relação ao que ela vive.

3.2 VIOLÊNCIA FAMILIAR

A violência juvenil ocorre na primeira infância e aumentam para formas mais graves de agressão antes da adolescência, devido a fatores de risco na família, influências dos colegas negativos, a presença de gangues, armas, drogas, má distribuição de renda e as mídias aumentam a probabilidade de ocorrência de violência.

Segundo Krug, Dahlberg, Mercy, Lwi e Lozano (2002) a violência praticada por pessoas jovens é uma das formas mais visíveis de violência na sociedade, por meio de gangues nas escolas ou praticada por jovens nas ruas. Esta violência pode se desenvolver por diversas maneiras, algumas crianças apresentam desde a primeira infância agressividade, por presenciarem a violência familiar.

Há ligações muito próximas entre: violência juvenil e outras formas de violência. Testemunhar a violência em casa, ser vítima de abuso físico ou sexual, por exemplo, pode condicionar crianças ou adolescentes a considerarem a violência como uma maneira aceitável de resolver problemas [...] (KRUG, DAHLBERG, MERCY, ZWI, LOZANO, 2002 p. 25).

Ou seja, o ambiente familiar violento com o uso de punições físicas severas, ou psicológicas como agressões verbais para disciplinar as crianças é o reflexo do comportamento violento nos jovens, pois moldam os traços de personalidade influenciando a acreditarem que é com violência que se resolve os problemas.

3.3 VIOLÊNCIA ESCOLAR

Segundo Rigobello (2009) a escola não deve ser vista apenas como vítima da violência externa, porque em seu interior, também existem muitos atos de violência.

Compreendendo que dentro da escola existe a violência entre os alunos, incorporando os conceitos de violência e do modelo ecológico de Bronfenbrenner para entendermos como ocorre o relacionamento dos alunos

na vitimização entre pares. Segundo os estudos de Bérghamo (2016), sobre o sistema ecológico de Bronfenbrenner, a autora encaixa os estudos do psicólogo nas situações de violência entre pares:

- Pessoa: possui uma vivência de situações de violência, falta de habilidade para resolver conflitos e crenças que apoiam a violência.
- Microssistema dos pares: o poder gerado pela agressão estabelece dominância.
- Mesosistema: está incluído nessa categoria a família e a escola. A família possui comunicação negativa. punições físicas, violência intrafamiliar e na escola um clima escolar negativo, sistema disciplinar punitivo e falta de regras.
- Exossistema: inclui nesta categoria a comunidade e instituições. A comunidade possui desigualdades sociais e as instituições faz legitimação institucional da violência, pouco recurso para a escola e desvalorização do professor.
- Macrossistema: possui a crença e valores culturais como o uso do poder para a obediência.

Ressaltamos que para entendermos a violência entre os jovens no ambiente escolar é necessário analisar todos os fatores, ou seja, que a violência que se processa na escola é reflexo dos sistemas sociais, políticos e econômicos vigentes.

A violência no ambiente escolar está presente em diversos países do mundo, tanto em escolas particulares como em escolas públicas, nos ambientes urbanos e rurais, nas escolas e na comunidade. Ela se manifesta em diversas maneiras.

A vitimização entre pares no contexto da escola refere-se a uma forma relacional que se manifesta de diferentes maneiras. O que diferencia um modo de manifestação, de outro, são as características do comportamento agressivo utilizado pelo agressor para atingir a vítima. (Bergamo, 2016, p 19)

Quando citamos o termo violência escolar, estamos apontando um comportamento agressivo, antissocial e atitudes negativos entre alunos. Essa violência pode causar danos na vida das vítimas que podem ser permanentes. Os comportamentos indisciplinados que ocorrem no ambiente escolar afetam

não só os profissionais da educação, atinge alunos e famílias. Quando apontamos o bullying que acontece com crianças e adolescentes, automaticamente pensamos na escola, sendo papel da escola elaborar uma medida de intervenção mais específica para se trabalhar com o bullying. (Barros, 2012).

Segundo os estudos de Silva e Assis (2018) existem três diferentes níveis para a classificação da violência escolar:

- Violência na escola: é definida por diferentes manifestações de violência que ocorrem no dia a dia da instituição de ensino;
- Violência contra a escola: são quando os alunos praticam o vandalismo, incêndios, roubos ou furtos na escola.
- Violência da escola: é tudo aquilo de a escola pratica e prejudica o aluno, como, a falta de organização profissional, a ausência de estímulos, abuso de poder, entre outros.

Para Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi e Lozano (2002), a natureza dos atos violentos pode ser física, sexual, psicológica e envolver a privação ou negligência. Com o modelo ecológico de Bronfenbrenner, verificamos que não existe um único fator que explique por que algumas pessoas se comportam de forma violenta em relação a outras.

Entendemos então que a violência é regida pelo desequilíbrio de poder, onde uma pessoa exerce sobre a outra uma força sendo ela psicológica ou física. As formas de violência são distintas, podendo ser familiares, de gênero e até mesmo escolar que ocorre entre pares ou por integrantes da comunidade escolar no ambiente da instituição de ensino. Os fatores que contribuem para a violência escolar são as exposições a violência em outros ambientes e questões de vulnerabilidade e maus tratos sofridos.

4. DEFINIÇÕES DE BULLYING

O bullying pode parecer um tema muito debatido atualmente, principalmente quando nos deparamos com campanhas como “Setembro Amarelo” que nos alertam sobre as práticas de bullying e cyberbullying, porém os estudos sobre esse assunto são recentes, sendo difícil explicar o próprio significado da palavra bullying em uma única definição.

Segundo Amorim (citado por Cunha, 2018) o primeiro registro das palavras bullying, bully e bullied data do ano de 1910. Bullying originou-se da palavra inglesa bully, que significa brigão, valentão. Mesmo sem uma definição na nossa língua nativa, o bullying é visto como sinônimo de ameaça, intimidação, opressão, humilhação e várias outras ações que remete perigo.

O termo bullying é uma palavra de origem inglesa que designa um conjunto de ações e comportamentos agressivos exercidos por um indivíduo ou por grupos, e que envolve: bater, xingar, humilhar, extorquir dinheiro, difamar, excluir, discriminar, atos homofóbicos. (PEREIRA, NETO, ZEQUINÃO, SILVA, 2015 p. 535).

Compreendemos então que o vocábulo bullying de língua inglesa, sem tradução literal para o português, é aproveitado para nomear os atos de violência psicológica ou física que acontecem repetidas vezes e de maneira intencional, exercido por um indivíduo ou por um grupo gerando a violência.

O termo bullying é amplamente utilizado para designar situações de violência recorrentes entre pares, em desigual posição de poder, devido a condições físicas, popularidade, entre outros fatores [...]. (STELKO-PEREIRA, SANTINI, WILLIAMS 2012 p. 197).

Silva enfatiza que o “[...] termo bullying pode ser adotado para explicar todo tipo de comportamento agressivo, cruel, proposital e sistemático inerente às relações interpessoais” (2010, p.28). A autora defende a existência de cinco modalidades de bullying:

- Físico: qualquer forma de agressão a outra pessoa, como chutes, socos, empurrões, arremesso de objetos, tapas, entre outras, que causam danos à integridade física de outra pessoa causando lesões físicas.
- Verbal: humilhar outra pessoa por meio de denominações e apelidos;

- Psicológico: a violência psicológica causa danos emocionais, ocorre mediante a ameaça, intimidação, perseguição, insultos, como ofensas raciais, étnicas ou de gêneros, assédio sexual, tyrannizar, infligir sofrimento por humilhações, amedrontar as vítimas, aterrorizar, discriminar, excluir e fazer com que se isole; entre outras atitudes que degradam o estado mental das vítimas ;
- Moral: são atitudes como fofocas, difamações, discriminação, entre outras, que afetam e denegrir as vítimas;
- Material: quando o agressor passa a roubar ou danificar os pertences da eventual vítima.

Nas escolares muitas vezes vivenciamos ações como brigas, fofocas, apelidos (enfaticamente apelidos que não são inofensivos, que ao serem direcionados a uma pessoa, pode tornar-se objeto de atitudes de agressão emocional e física para esta pessoa, fazendo ela se tornar sujeita ao bullying), essas ações quando se tornam repetitivas entre os alunos se denominam práticas vitimização, de atos de bullying.

5. CARACTERÍSTICAS DOS SUJEITOS DO BULLYING

Apesar da associação da palavra bullying com brincadeiras de mal gosto, ameaças e opressão, é necessário salientar que para caracterizar bullying, essa ação deve ser repetitiva. No estudo de Botelho e Souza (2007) é importante ressaltar que o agressor descreve ter sentimentos positivos e de se sentir “o melhor da escola”.

É agonizante verificarmos um estudo que nos trás esta resposta de um aluno que pratica bullying, porém como vimos no modelo ecológico de Bronfenbrenner, os jovens possuem um comportamento intelectual de acordo com a vivência que possuem no contato com outras pessoas de sua família, da comunidade, da escola e de amigos. Mediante a isto o autor Chalita, faz um comentário muito interessante, sobre o porquê os autores de bullying possuem pensamentos positivos em relação às suas práticas.

Uma sociedade em que mendigos, travestis e prostitutas merecem ser espancados e mortos, pode ser reflexo de uma sociedade que permite que jovens e crianças qualificados como esquisitos, tímidos, feios, diferentes do padrão estabelecido pelo grupo sejam escarnecidos, humilhados, excluídos, atormentados, ameaçados, ridicularizados. O bullying é uma manifestação dessa rejeição de ordem social que priva o indivíduo considerado diferente e inferior, de sua dignidade e de seu direito de participar e de existir. Quando a diversidade não é acolhida, a desigualdade é legitimada. Não acolher a diversidade significa olhar em uma única direção, com base em um padrão exclusivo. E aos que são olhados, fica o silêncio e a exclusão (CHALITA, 2008, p. 128).

A partir de 2005 surgiram artigos científicos no Brasil com o tema bullying, estes sendo analisados no período de 2009 até 2011, ressaltaram a violência no espaço escolar, ocasionada por relações de poder autoritárias, repressão e falta de diálogo. As pesquisas indicaram que a grande maioria dos agressores é do sexo masculino realizando agressões físicas e intimidações, o sexo feminino se caracterizou por praticar a violência de forma indireta, por meio de fofocas maldosas, exclusões do grupo, entre outros. (Oliveira-Menegotto, Pasini, Levandowski, 2013).

Como acontece em qualquer tipo de sociedade desde o início dos tempos, os padrões sociais vão surgindo e formando um padrão a ser seguido

como modelo. Padrão social esse, que vai delinear basicamente as diretrizes dessa sociedade (grupo) e quem não se enquadra nesse padrão começa a ser alvo de certo tipo de desprezo, exclusão de certas atividades de grupo, e as pessoas que estão fora desse padrão imposto pela sociedade criada, fica mais sujeito/ exposto ao ato do bullying.

Goffman (1998) descreve em seu livro que os gregos criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais em pessoas que deviam ser evitadas. Segundo o autor nós não marcamos pessoas com sinais, mas criamos estigmas nas pessoas e nos afastamos delas, pois ao conhecemos uma pessoa a avaliamos em pré-concepções em busca de estigma, uma evidências de um atributo que o torna diferente.

Goffman (1998)descreve que existem três tipos de estigma, um deles é o estigma gerado por deformidades físicas que você reconhece ao olhar a pessoa, o segundo estigma é quando você passa a conhecer a pessoa, suas características, como caráter, sua renda, sua opção sexual e o terceiro estigma é sobre a raça e religião da pessoa. Além do estigma, que são as pré-concepções, ao generalizarem uma pessoa por suas características ou comportamentos, estes pressupostos são chamados de estereótipos.

Porém, mesmo que no aluno não exista alguma característica física, ainda sim existe a ocorrência de bullying. O bullying verbal é o mais comum, praticado através de apelidos, insultos, entre outros, o segundo usualmente é o bullying físico representado por empurrão, chute, roubos e ameaças com armas. (Marcolino, Vieira, Cavalcanti, 2013).

Rigobello (2009) descreve algumas ações presentes no dia a dia da escola que podem caracterizar o bullying, tais como: colocar apelidos, ofender, zoar, gozar, encarnar, sacanear, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, perseguir, assediar, aterrorizar, amedrontar, tyranizar, dominar, agredir, bater, chutar, empurrar, ferir, roubar, quebrar pertences entre outras.

Para Salles e Silva (2008) a sociedade categoriza pessoas em função do que considera comum e natural para um grupo social, construindo uma imagem do outro sobre sua diferença, esta diferença é ressaltada e acaba muitas vezes sendo justificada em agressões, pois os estereótipos presentes no cotidiano escolar constitui a forma como o outro é percebido, e as

interações com o diferente, quando não são problematizadas, podem se tornar atos violentos.

Muitas vezes os jovens nas instituições escolares são reduzidos a estereótipos que são construídos em relação a ele e que podem promover conflitos entre estes e o mundo adulto, no caso direção, professores e funcionários da escola, bem como entre os próprios jovens. (SALLES, SILVA, p 155, 2008).

As mídias fazem com que os jovens sejam bombardeados de alguns conteúdos que ditam os valores e modelos que devem ser seguidos. O principal motivo de sofrimento causado pelo bullying é pelo padrão de beleza que dão ênfase a um corpo magro, esbelto, criando um preconceito com todas as pessoas que não possuem este padrão. O preconceito leva à discriminação satisfazem a necessidade de agredir e humilhar e marginalizar um indivíduo. (Rigobello, 2009).

O fenômeno bullying não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes.(CHALITA, p. 81, 2008).

O bullying se caracteriza por comportamentos agressivos e intencionalmente nocivos. É reconhecido quando um aluno, ou um grupo de alunos causa intencionalmente e repetidamente danos a outro com menor poder físico ou psicológico, e a vítima se sente incapaz de reagir à agressão.

Algumas características podem ser destacadas relacionadas aos envolvidos no bullying, as vítimas são os que sofrem bullying, as vítimas-agressoras, são os alunos que sofrem e praticam bullying, autores são os que praticam bullying e as testemunhas são os indivíduos que não sofrem nem praticam o bullying, porém o presenciam e convivem com ele.

As características das mais frequentes vítimas de bullying segunda a literatura são:

[...] em geral, é tímido ou reservado e não consegue reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra ele. Normalmente, são mais frágeis fisicamente ou apresentam alguma marca que os destaca da maioria dos alunos: são gordinhos ou magros demais, altos ou baixos demais; usam óculos; são “Caxias”;

deficientes físicos; apresentam sardas ou manchas na pele, orelhas ou nariz mais destacados; usam roupas fora de moda; são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes [...] qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo pode deflagrar o processo de escolha de vítima do bullying. “Os motivos (sempre injustificáveis) são os mais banais possíveis” (Silva, 2015, p. 35-36, 2015).

Para as estudiosas Silva e Rosa (2013), o bullying é gerado pela existência de um desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima, quem é agredido não consegue se defender, por não ser tão forte quanto o agressor ou por possuir características psicológicas ou físicas que o tornam alvo de discriminação.

De acordo com os estudos de Assis, Constantino e Avanci (2010), entre as vítimas, existem as vítimas passiva que em geral não reagem às intimidações e não pedem ajuda a adultos, tentam fugir, por medo e choram e em relações de poder são roubados e entregam facilmente o que o outro quer. São tímidos, introvertidas, têm dificuldade de estabelecer um bom relacionamento com os colegas.

Os professores argumentam que as vítimas do bullying se isolam, participam menos das aulas e os autores do bullying possuem dificuldade de concentração, perdem conteúdo por ficarem praticando fenômenos do bullying e se tornam mais violentos. (Botelho, Souza, 2007).

As vítimas-agressoras sofrem bullying praticado por agressores mais poderosos, e eles próprios praticam o bullying procurando os mais frágeis. São irritadas, agitadas e hostis, apresentam dificuldade no controle do seu comportamento e emoções, reagem ao bullying por brigas e demonstrações de cólera. (Assis, Constantino, Avanci, 2010).

As características mais frequentes dos autores de bullying, segundo a literatura são:

Silva e Rosa (2013) descrevem que geralmente os agressores são arrogantes, que têm habilidades persuasivas e se divertem ridicularizando e provocando sofrimento em colegas a quem direcionam suas agressões.

O autor Gabriel Chalita (2008), em seu livro discorre sobre os agentes agressores que expõem o agredido a piores humilhações de apelidos a atitudes covardes com força física, e a vítima dessas agressões dificilmente encontra coragem para se defender.

Os autores de bullying mostram autoconfiança, são destemidos, não aceitam ser contrariados, são populares e, embora rejeitados por vários colegas, raramente são socialmente isolados, pois contam sempre com aqueles que os apoiam em suas práticas. (Assis, Constantino e Avanci 2010).

Quanto mais jovem for o agressor, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adulto e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos aditivos pouco duradouros". (MENDES, 2011 p. 582).

As testemunhas não têm envolvimento direto com o bullying, mas acabam por desempenhar um papel importante, seja como testemunhas passivas calam-se e se omitem diante de cenas de bullying que presenciam, ou por medo de se tornarem vítimas, ou simplesmente porque acham que isso é algo que não lhes diz respeito ou as testemunhas podem ser ativas aplaudem e apoiam os agressores, fortalece o bullying.(Assis, Constantino, Avanci, 2010).

Quando questionado os alunos sobre presenciar uma prática de bullying a maioria dos estudantes mencionou que não teve atitude para impedir, os que narram o ocorrido aos professores referem que os mesmos são repassados a coordenação pedagógica. (Santos, Perkoski e Kienen, 2015).

Para esta identificação de ações de vitimização entre pares, é necessário assegurar os direitos dos alunos e junto com a comunidade escolar e com a instituição adotando medidas de prevenção conseguimos diminuir os efeitos e as práticas de bullying.

5.1 CONSEQUÊNCIAS PARA OS SUJEITOS VÍTIMAS DO BULLYING

O bullying é um fenômeno da nossa atualidade, sendo objeto de estudo recente, no contexto da desigualdade entre pares, mas este fenômeno já ocorria nos primórdios da escola por se tratar de uma forma de violência que ocorre nos centros educativos há muito tempo. Abrangemos que o bullying proporciona uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros, sendo uma prática violenta que se dá em todas as escolas com a

intencionalidade de um comportamento com o objetivo de provocar mal-estar e ganhar controle sobre outra pessoa. (Bernardi, Maia, 2010).

Pela gravidade das consequências causadas, é fundamental concernir fatores de riscos e de proteção.

[...] Entre os principais fatores de risco associados à literatura indica: baixa autoestima, depressão, ansiedade, estresse. Além disso, fatores como a percepção do clima familiar, escolar e comunitário, também estão associados ao fenômeno, sendo a baixa percepção associada negativamente (fatores de risco) e a alta positivamente (fatores de proteção)". (ALCANTARA, GONZÁLEZ- CARRASCO, MONTSERRAT, CASAS VINÃS-POCHE, ABREU, 2019 p. 510).

Por se tratar de um assunto muito importante sobre as agressões que os alunos sofrem na instituição escolar, foi realizado um estudo nas escolas de Bragança, os alunos com idade de 5 a 16 anos, no total 3891, foram questionados sobre serem vítimas de bullying e 36,4% dos alunos afirmaram ter sofrido agressão e que as agressões ocorriam no recreio (31,5%) enquanto apenas 5,8% apontaram a sala de aula como um espaço de bullying. (Lorenzo, Pereira, Paiva, Gebara, 2009).

Ao serem questionados os professores sobre as práticas de bullying em sala de aulas, os mesmos notam que:

[...] tanto alunos quanto professores demonstraram perceber o impacto da vitimização em diversas esferas da vida do indivíduo: citam consequências psicológicas, físicas, sociais e de aprendizagem (SANTOS, PERKOSKI, KIENEN, 2015 p. 1031).

Os principais sintomas detectados pelos professores ou familiares das vítimas são o isolamento do aluno, ele já não participa da aula, ou então não quer mais vir à escola, informa dores de cabeça, insônia, possui marcas no corpo quando sofre bullying físico ou arranja motivos para faltar às aulas. Os professores relatam também uma queda no rendimento escolar do aluno, os responsáveis informam que a criança ou o adolescente comenta em casa que gostaria de trocar de sala, ou de colégio e que dependendo da família gera a evasão escolar. (Santos, Perkoski, Kienen, 2015).

Além de danos a própria saúde com o desenvolvimento da depressão, estudos comprovam que as vítimas de bullying podem ter um alto índice de ingresso na criminalidade. (Pereira, Neto, Zequinão, Silva 2015).

Atos violentos apresentados pela mídia, como a Gazeta do Povo em 30 de abril de 2009, informou a triste notícia de um menino que iria completar 11 anos e morreu vítima de agressão de três colegas adolescentes que praticaram tal violência na saída da escola, os mesmo eram alunos da mesma escola que a vítima, estudavam na sexta e sétima série. A revista Isto é no ano de 2008, fez uma publicação sobre o bullying, alertando os pais, professores e responsáveis o quanto esse assunto é delicado e deve ser trabalhado de forma cuidadosa com as vítimas e agressores. (Amorim, 2009).

6.INTERAÇÕES

Compreendemos que a socialização é um processo natural de todo ser humano que faz parte de uma comunidade, essa socialização se dá pelas interações de pares que convivem em um mesmo ambiente marcados por suas diversidades e que geram o desenvolvimento de ambos, porém se estas interações forem negativas isto afeta o desenvolvimento e podem se tornar ações de bullying.

6.1 INTERAÇÕES FAMILIARES

Akiyama e Silva (2010) discorrem sobre a socialização da criança, que é motivada pelo afeto que sente e retribui que se inicia na família. Quando a criança possui esta convivência afetuosa, ela tem facilidade de interagir no meio em que vive, pois seu cotidiano familiar é importantíssimo para o desenvolvimento de interação na sociedade. Mas esta não é uma realidade vivida por todos, muitas crianças crescem em lares de vulnerabilidade vivenciando muita violência, se tornando propícios a se tornarem vítimas ou praticantes de bullying no ambiente escolar.

As autoras Cecconello, Antoni e Koller (2003) apresentam uma revisão da literatura sobre o modelo ecológico Bronfenbrenner (1979/1996), discorrem sobre a família que é caracterizada como o primeiro ambiente do qual a criança participa ativamente pela relação da mãe com a criança e aos poucos, as relações vão se expandindo dentro do grupo familiar, formando, dentro deste sistema, vários subsistemas, como a relação pai-criança e a relação entre irmãos.

A família com a qual a criança interage diretamente é denominada de microssistema, idealmente o microssistema familiar é a maior fonte de segurança proteção, afeto, bem-estar e apoio para a criança. Dentro dele, a criança desenvolve o senso de permanência e o de estabilidade. A garantia de permanência e estabilidade faz a família funcionar como um sistema integrado, cujo objetivo principal é o de promover o bem-estar de seus membros. (Cecconello, Antoni, Koller, 2003).

As autoras informam que Bronfenbrenner destaca três características que se estabelecem nas relações dentro da família:

- A reciprocidade;
- O equilíbrio de poder;
- Afeto.

Mesmo que as relações sejam assim caracterizadas, um dos integrantes da família pode ser mais influente do que o outro. Uma situação ótima para o desenvolvimento é aquela em que o equilíbrio de poder gradualmente, promove o desenvolvimento da autonomia. A falta extrema de afeto ou a rejeição gera consequências negativas para o desenvolvimento. Se na relação que se estabelece entre os pais e a criança, o afeto, a reciprocidade e o equilíbrio de poder não estão presentes, pode ocorrer prejuízo ao desenvolvimento da criança, comprometendo as relações posteriores que ela virá a estabelecer com outras pessoas. (Cecconello, Antoni, Koller, 2003).

6.2 INTERAÇÕES ENTRE ALUNOS

Os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social. Compreendendo que cada aluno possui uma bagagem cognitiva e emocional diferente devido às suas experiências sociais. Qualquer aluno pode se tornar ou vir a ser vítima ou praticante de bullying, mas é importante salientar que todas as ocorrências de vitimização são diferentes, pois são indivíduos diferentes e a escola precisa atender essa diversidade de interações, para compreender as interações negativas entre os pares, segundo Dayrell “o tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças [...]”. (2001, p. 139).

A influência das interações de diferentes contextos gera nosso desenvolvimento, a qualidade dessas interações promove desenvolvimentos positivos nos alunos. É por meio das interações entre os pares que os estudantes formam estruturas interpessoais, e a ausência de reciprocidade nas relações entre os alunos gera um desequilíbrio de poder onde o agressor tem domínio sobre a vítima. (Bérgamo, 2016).

[...] vários níveis relacionais, exercem influência, direta ou indireta, na forma de interação estabelecida pela pessoa em seu contexto

imediatos. Por meio dessas interações ocorrem os processos proximais, capazes de desencadear o desenvolvimento. Os processos proximais compõem-se de forma, força e conteúdo, podem acontecer de modo uni ou bilateral, entre o sujeito e as pessoas, objetos e símbolos do seu ambiente. A vivência de processos proximais nos vários contextos imediatos onde a pessoa participa possibilita ou dificulta o seu desenvolvimento adaptativo [...] (BERGAMO, 2016, p 17).

Na escola nossa socialização se dá entre pares, passamos boa parte do período escolar interagindo com professores, funcionários, amigos e colegas. Neste ambiente é que o maior número de alunos declara que a maior ocorrência de bullying acontece, os relatos dessas ocorrências variam entre todas as faixas etárias. (Macedo, Martins, Ciné, Macedo, Novais, 2014).

De acordo com Dayrell (2001) a educação é o processo de apropriação da cultura, e por meio dela são produzidas igualdades e diferenças entre os indivíduos. Não podemos considerar a escola com um único sentido que é a transmissão de conteúdos, pois a sala de aula é também um espaço de encontro, com a convivência rotineira de pessoas com trajetórias, culturas, interesses diferentes, que passam a dividir um mesmo ambiente, pelo menos por um ano e neste espaço pode estar havendo práticas de bullying.

O fenômeno do bullying não se refere apenas às agressões que acontecem ocasionalmente, nos intervalos ou fora da escola, mas à violência que se manifesta como um comportamento ligado à agressividade verbal (ex., chamar nomes, gozar de modo desagradável, ameaça), física (ex., bater, empurrar, dar encontrões), social (ex., deixar de fora do grupo, ignorar) e sexual (ex., tocar em partes do corpo do outro deixando-o desconfortável). (MACEDO, MARTINS, CAINÉ, MACEDO, NOVAIS, 2014 p. 16).

É doloroso pensar na escola, que ao invés de um espaço de uma socialização secundária, com o objetivo de transmitir conhecimento e de transformar os alunos em cidadãos autônomos, ocorram conflitos entre os pares, mediante a isto a escola deve introduzir métodos de intervenção.

7. CLIMA ESCOLAR

A palavra Clima tem o significado neste contexto sobre as interações entre os pares, seu relacionamento na escola, as expectativas dos estudantes sobre a instituição, a organização e gestão da escola, devido a isso possui o nome de Clima Escolar, que é a percepção dos sujeitos da escola sobre este ambiente além de cada perspectiva ser também harmonioso, hostil, alegre, tenso.

A forma de avaliar o clima escolar é por meio de questionários e pelas formas de compreensão dos membros da escola em seu cotidiano, os questionários precisam estar disponibilizados na instituição e devem ser utilizados sempre para orientar as intervenções. (Vinha, Morais, Tognetta, Azzi, Aragão, Marques, Silva, Moro, Vivald, Ramos, Oliveira e Bozza, 2016).

Os resultados sobre pesquisas de Clima Escolar estão relacionados como positivos quando a estrutura oferecida no ambiente escolar e a relação professor-estudante são boas, promovendo melhores médias em desempenho escolar, os estudantes que possuem experiências positivas na escola obtêm maiores níveis de saúde mental, física, menor índice em déficits psicológicos ou problemas comportamentais e menos propensos uso de drogas. (Coelho, Dell’Aglío, 2019).

A violência nas escolas é um dos maiores obstáculos à melhoria da qualidade da educação básica do Brasil, tendo como agravantes a desigualdade social e a diversidade cultural que nela estão inseridas, e são elas um dos fatores essenciais para o clima escolar negativo. Pesquisas divulgam que nas escolas do Brasil onde ocorrem situações de violência pelos alunos, o clima escolar é avaliado pelos alunos de maneira negativa. (Pinton, Machado, 2019).

Para Fernández (2005) o índice de clima escolar negativo é decorrência de muitos fatores como: o tamanho da escola com o número de alunos elevados, dificuldades nas formas de distribuição de espaços, a estrutura da escola e a quantidade de alta de alunos gera à massificação do ensino e à dificuldade de criação de vínculos afetivos e pessoais entre alunos e

adultos da escola, organização do tempo e conteúdos coerentes com o contexto da aula e de vida dos jovens.

Dentre os fatores que contribuem para a existência de problemas nas relações entre educadores, fragilizando o clima escolar estão as divisões dos educadores em grupos rivais, falta de consenso sobre estilos de ensino e normas de convivência, as dificuldades no trabalho em equipe, falta de respeito ao valor pessoal do professor, falta de apoio. (Fernández, 2005).

Considerando que quando o Clima Escolar é negativo existem mais ocorrências de bullying, é interessante discutir a hipótese do Clima Escolar positivo, com a diminuição do bullying e o bem-estar de toda comunidade escolar.

[...] enquanto ambiente de ensino/aprendizagem e socialização representa um contexto significativo ao desenvolvimento psicossocial saudável, sendo necessário fomentar um clima escolar positivo que favoreça a convivência entre todos os atores sociais e, por conseguinte, resulte em melhores níveis de bem-estar e menores níveis de violência entre iguais, e vice versa. (ALCANTARA, GONZÁLEZ- CARRASCO, MONTSERRAT, CASAS VINÃS-POCHE, ABREU, 2019 p. 519)

Sendo manifestada esta ideia de um aumento significativo no índice de Clima Escolar positivo, existe um estudo de Alcanra, González-Carrasco, Montserrat, Vinãs-Poche e Abreu (2019), realizado em 2014 no Ceará, em 27 escolas sendo entrevistados 910 alunos, com o objetivo de analisar as implicações da violência entre pares no contexto escolar, do clima escolar e da percepção dos contextos de desenvolvimento no bem-estar subjetivo dos participantes. Neste estudo os resultados indicaram que aluno vítima de bullying nas escolas públicas obtêm as médias mais baixas de bem-estar, e nas escolas privadas são os agressores possuem níveis mais baixos de bem-estar, as vítimas-agressoras são as que apresentam médias mais baixas em satisfação com a vida.

A pesquisa de Vinha, Morais, Tognetta, Azzi, Aragão, Marques, Silva, Moro, Vivald, Ramos, Oliveira e Bozza (2016) apontaram subsídios teóricos e práticos para o melhor desenvolvimento no clima escolar, dando abertura para a instituição construir o seu próprio Plano Institucional de Convivência, mostrando aos estudantes a importância da escola e da sua vida em

coletividade, examinando a melhor proposta de intervenção. Os resultados apresentados por essa pesquisa foram surpreendentes, pois quando é aplicado uma prevenção de conflito para os alunos, o desenvolvimento na relação entre eles é mais respeitoso, o seu bem-estar e a melhoria do clima escolar é positivo.

Para um índice positivo de Clima escolar, é necessário um conjunto de expectativas recíprocas de comportamentos pelos agentes escolares, docentes, gestão, melhorando o rendimento escolar, melhorando também o trabalho docente. Para conseguirmos ter um Clima Escolar positivo, é necessário compreender a concepção de cada membro da escola tem da escola, sendo necessário um questionário, ou possuir um espaço para que as pessoas consigam dar sugestões para melhoria do ambiente. (Pinton, Machado, 2019).

Relacionado às pesquisas realizadas sobre o Clima Escolar, é importante ressaltar que:

A satisfação com a escola associa-se à avaliação feita pelos próprios estudantes sobre como se sentem em relação àquele ambiente [...] Essa medida, no entanto, é complexa e não linear, uma vez que a percepção do aluno acerca da experiência escolar não deriva apenas de acontecimentos e sentimentos referentes à escola em si[...] (COELHO, DELL'AGLIO, 2019 p. 250)

Relacionando Clima Escolar ao rendimento escolar dos alunos, pesquisadores alegam que as vítimas de bullying obtêm as piores médias em ambos os anos escolares, sendo o bullying um dos principais fatores de risco associado à obtenção de níveis baixos de bem-estar. Fatores de risco e proteção incidem no bem-estar, em seus distintos contextos, especificamente o Clima Escolar, que estão associados a baixos níveis de bem-estar em todas as escalas dos estudantes. (Alcántara, González-Carrasco, Montserrat, Vinãs-Poche, Abreu, 2019).

Entendemos que o Clima Escolar é construído com a realidade das experiências dos alunos e não podemos deixar de notar a presença marcante do bullying em ambientes com relações negativas, embora cada escola possui um contexto para o fenômeno do bullying.

8. PROFESSORES E O BULLYING

Segundo Dayrell (2001) a bagagem emocional da vivência dos alunos é reduzida a percepção do professor como bom ou mau aluno, esforçado ou preguiçoso, obediente ou rebelde, disciplinado ou indisciplinado. Porém é necessária a compreensão do professor que os alunos chegam à escola com traços da diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais, de suas experiências sociais, sendo assim cabe ao professor compreender esta vivência dos alunos, para analisar o seu comportamento e então efetivar uma prática significativa ao aprendizado de se tornar um aluno autônomo e cidadão.

A violência é o resultado da interação negativas e de fatores sociais, culturais e ambientais. Entender como esses fatores estão relacionados à violência é um dos passos importantes na abordagem de saúde pública para evitar a violência. (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, Lozano 2002).

[...] a violência não pode ser analisada de forma simplificada e que requer uma reflexão sobre as transformações sociais e sobre como as relações estão sendo constituídas. A violência e o bullying escolar, nesse sentido, são vistos como uma extensão da problemática social. Sendo assim, políticas de combate ao bullying devem considerar a violência e suas causas desde uma perspectiva social. (OLIVEIRA-MENEGOTTO, PASINI, LEVANDOWSKI, 2013 p. 211).

Bernardi e Maia (2010) realizaram um estudo com professores sobre este comportamento violento conduzido repetidamente e ao longo do tempo causador de um desequilíbrio de poder, evidenciado pelos agressores que normalmente distinguem as suas vítimas como um alvo fácil. Para os docentes é considerado que a crise de valores, a situação social e a falta da presença das famílias tanto na vida de seus filhos quanto na escola são fatores que contribuem para que o bullying seja frequente nas escolas, e os professores definem bullying como um comportamento próprio da adolescência.

O bullying no ambiente escolar está se tornando comum no cotidiano escolar, podemos perceber que os estudantes estão tendo um comportamento de autoridade sobre outros alunos. Quando falamos em educação, podemos perceber que ela sempre está em uma constante transformação, sempre

buscando novos desafios, procurando maneiras para melhorar a aprendizagem dos estudantes, encontrando métodos para solucionar problemas e sempre querendo melhorar a qualidade da educação. (Barros, 2012).

Para a identificação dos alunos vítimas do bullying pelos professores é importante realçar que:

[...] as crenças e as experiências pessoais dos professores em situações de bullying interferem no processo de identificação do fenômeno e de como lidar com ele. Uma formação específica pode não só aumentar o conhecimento como alterar a sensibilidade e a competência do professor para intervir de maneira mais eficaz no problema. Isto contribui para um clima escolar mais favorável à aprendizagem e, consequentemente, para uma escola menos violenta e excludente.” (PITON, MACHADO, 2019 p 59).

As estudiosas Silva e Rosa (2013) realizaram um estudo com entrevistados estudantes de licenciaturas e professores formados, sobre o que é o bullying, os entrevistados deram respostas superficiais e pouco delimitadas sobre as definições de bullying, restringiram-se a descrever tal fenômeno como apelidos, provocações, a discriminação, perseguição, piadas, preconceito, agressões e brincadeiras grosseiras. Destaca-se que ao analisar a respostas dadas sobre o conceito de bullying, todos os entrevistados, afirmam ter ouvido falar sobre o bullying, apenas um professor afirmou ter estudado sobre o bullying durante a sua formação inicial, e os alunos de cursos de licenciatura entrevistados afirmaram ter sido tratado o assunto em disciplinas como Psicologia da Educação (quando se discute o desenvolvimento socioafetivo), Prática de Ensino e Didática, um disse não ter estudado em nenhuma disciplina e outros afirmaram o estudo de bullying em forma de debates, seminários ou discussões.

Segundo os estudos de Vinha, Morais, Tognetta, Azzi, Aragão, Marques, Silva, Moro, Vivald, Ramos, Oliveira e Bozza (2016), é necessário aos professores uma formação adequada, que as instituições sejam dirigidas a fazer uma investigação sobre o clima escolar, criando debates entre os professores e os gestores para construir propostas para melhorar a instituição e o mais importante, a avaliação do clima escolar, tendo como propósito a melhoria da instituição de ensino.

Neste estudo de Vinha, Morais, Tognetta, Azzi, Aragão, Marques, Silva, Moro, Vivald, Ramos, Oliveira e Bozza (2016), a atitude que os professores tomavam em relação aos conflitos apresentados foram divididos em três grupos. No primeiro momento acontecia um impedimento para tal relação, por meio de regras e controle de comportamento. O segundo era o contato com a família ou o especialista. No terceiro ato era definido por meio de punições.

Essas intervenções citadas acima são julgadas como um mecanismo de controle, que no primeiro momento parece resolver, mas com o tempo pode acabar agravando o problema. Quando o professor proporciona um ambiente autoritário aos seus alunos beneficia que os estudantes se tornem mais agressivos. Quando um cidadão é proibido de tomar suas próprias decisões ou até mesmo discutir os seus problemas ele se torna mais deprimido, acaba não tendo um comportamento instável. (Vinha, Morais, Tognetta, Azzi, Aragão, Marques, Silva, Moro, Vivald, Ramos, Oliveira e Bozza 2016).

Neste sentido cabe ao professor avaliar as interações que ocorrem em sala de aula, que tipo de interação os alunos estão realizando, se são socializações positivas que agregam no desenvolvimento dos estudantes, e caso as interações sejam negativas repensar em práticas que motivem a positividade na socialização.

9. LEIS ANTIBULLYING

Segundo Amorim (citado por Cunha, 2018) a violência escolar gera impacto no processo ensino-aprendizagem, que pode chegar a finais trágicos como assassinatos e suicídios, o fenômeno tem despertado o interesse de pesquisadores do mundo inteiro para criações de Leis antibullying.

Desde que indivíduos começaram a se agrupar com outras pessoas vivendo em sociedade, houve a necessidade da criação de regras para um convívio harmônico. Quase todas as nossas atividades são direcionadas de uma forma ou de outra por regras, impostas pela moral e por costumes.

Ao surgir um conflito, é necessária a criação de uma lei para garantir o convívio pleno em sociedade, essas leis visam controlar ou modificar nosso comportamento para garantir uma sociedade segura e pacífica na qual os direitos individuais são respeitados.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), aprovada em 1948, possui trinta artigos que estabelecem direitos básicos para a promoção de uma vida digna para todos, independentemente de nacionalidade, cor, sexo, religião, orientação sexual e política.

Preocupados com os direitos da criança, os governantes criam a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959); em seu Princípio 10 ressalta que: A criança gozará de proteção contra atos que possam suscitar discriminação racial, religiosa ou de qualquer outra natureza. Criar-se-á num ambiente de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e de fraternidade universal e em plena consciência que seu esforço e aptidão devem ser postos a serviço de seus semelhantes.

Com a redemocratização do nosso país, que se intensificou a partir da década de 1980, e o processo de elaboração da nova Constituição aprovada em 1988, surgiram os pilares para uma nova concepção de infância e de direitos da criança e do adolescente, em seu artigo 227 garante às crianças e aos adolescentes os direitos fundamentais de sobrevivência, desenvolvimento pessoal, social, integridade física, psicológica e moral, além de protegê-los de forma especial, através de dispositivos legais diferenciados, contra negligência, maus-tratos, violência, exploração, crueldade e opressão.

É realizada também a Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989) que frisa a reafirmação dos direitos fundamentais, como o direito à vida (art. 6º), à integridade física e moral (art. 19), à privacidade e à honra (art.16).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece:

Artigo 4º – É dever da família, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Artigo 5º – Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punindo, na forma da lei, qualquer atentado, por ação ou omissão aos seus direitos fundamentais.

Artigo 15º – A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais, garantido na Instituição e nas leis. [...]

Artigo 17º – O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.

Segundo os estudos de Amorim (citado por Cunha, 2018) as leis brasileiras contra o bullying, publicadas entre 2009 a 2015, tem a função de punir os infratores e de proteção às vítimas. O autor relata a existência de 75 leis para o combate ao bullying, estas 18 são leis estaduais, 1 federal, e 56 municipais.

Em Curitiba, a Lei 13.632 de 18 de novembro de 2010 “Dispõe sobre a política ‘antibullying’ nas instituições de ensino no município de Curitiba.” No Estado do Paraná, a Lei 17.335 de dez de outubro de 2012 “Institui o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas Escolas Públicas e Privadas do Estado do Paraná”.(Cunha, 2018).

E a Lei Federal 13.185, de seis de novembro de 2015, institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional.

Art. 1º: I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V – dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Em 6 de novembro de 2015, é decretada a lei 13.185 que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying).

Art. 1º Fica instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo o território nacional.

§ 1º No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas

Art. 2º Caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda:

- I - ataques físicos;
- II - insultos pessoais;
- III - comentários sistemáticos e apelidos pejorativos;
- IV - ameaças por quaisquer meios;
- V - grafites depreciativos;
- VI - expressões preconceituosas;
- VII - isolamento social consciente e premeditado;
- VIII - pilhérias

Parágrafo único. Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (cyberbullying), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

Art. 3º A intimidação sistemática (bullying) pode ser classificada, conforme as ações praticadas, como:

- I - verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente;
- II - moral: difamar, caluniar, disseminar rumores;
- III - sexual: assediar, induzir e/ou abusar;
- IV - social: ignorar, isolar e excluir;
- V - psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar;
- VI - físico: socar, chutar, bater;
- VII - material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem;
- VIII - virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social.

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no art. 1º:

- I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

VIII - evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar.

Art. 5º É dever do estabelecimento de ensino, dos clubes e das agremiações recreativas assegurar medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate à violência e à intimidação sistemática (bullying).

Art. 6º Serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (bullying) nos Estados e Municípios para planejamento das ações.

Compreendemos então que existem leis antibullying, mas ainda existem estudos que nos informam a presença da vitimização entre pares nas escolas, sendo primordial o trabalho da instituição escolar para a erradicação da violência entre os alunos.

10. FUNÇÃO SOCIAL DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A instituição família e a escolar são fundamentais para desencadear os processos evolutivos dos filhos/alunos, em seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. A família, presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, ela é responsável pela transmissão de valores e crenças que estão presentes nas sociedades, os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais dos nossos alunos. (Dessen, Polonia, 2007).

Os laços afetivos formados dentro da família geram um desenvolvimento saudável e de interação positiva. Permite à criança desenvolver repertórios saudáveis para enfrentar as situações cotidianas, laços negativos com medidas punitivas e coercitivas podem provocar em nossos alunos comportamentos de insegurança, dificuldades de estabelecer e manter vínculos com outras crianças, além de problemas de risco social na escola e na vida adulta. (Dessen, Polonia, 2007).

Compreendemos que a escola possui uma função na vida desses alunos. Segundo estudos de Cardoso e Lara (2009) enfatizam o trabalho de vários sociólogos entre eles: Pierre Bourdieu que as autoras citam que ele determinou como função social da escola como conservar as desigualdades e reproduzir as classes sociais. Relatam também os estudos de Dermeval Saviani que diz que o sentido da educação, a sua finalidade, é o próprio homem, ou seja, a sua promoção. E trazem a concepção de Pérez Gómez, embora afirme que a instituição escolar exerce a função de reprodução e conservação sociais, identifica, na escola, um espaço de autonomia no qual a função reprodutivista pode ser quebrada.

O sistema escolar segundo Bourdieu (Valle, 2007) produz sofrimentos aos alunos que não são admitidos e legitimados: uns alunos se sentem infelizes porque não obtiveram da escola aquilo que esperavam e outros porque são excluídos ou fracassam na escola, atribuindo a si mesmos a responsabilidade por seu percurso escolar. O estudioso descreve em sua teoria elementos para uma função reprodutora da escola, pela ação pedagógica, do sistema de ensino gerador da violência simbólica.

Para Bourdieu e Passeron (2011), a violência simbólica é exercida por vários meios como os meios de comunicação de massa e por meio da educação formal, na escola a violência simbólica existe quando legitima a cultura dominante. A cultura da classe dominante influencia os modos de agir, pensar, sentir e conduz as classes populares a identificar essa cultura e valores como suas, a educação estabelece uma relação onde à ideologia dominante persuadi os alunos e até mesmo os professores, é por meio da ação pedagógica que há a seleção dos conteúdos a serem administrados, onde os alunos de culturas diferentes recebem a carga de violência contra seus valores.

É necessário salientar que esta cultura dominante é implementada a cada aluno, sendo na violência simbólica cometida pela ação pedagógica ou pelas mídias com suas culturas em massa. Aos indivíduos que possui características adversas a elas ou não conseguem se encaixar nesta cultura dominante por seus próprios interesses são excluídos e geralmente se tornam vítimas do bullying, ou então praticam o bullying devido a vulnerabilidade familiar que não consegue dar suporte ao desenvolvimento saudável, fazendo do aluno um possível agressor/vítima.

De acordo com Dessen e Polonia (2007), a escola é um microsistema da sociedade, que necessita realizar a formação integral dos estudantes, em sua memória seletiva, criatividade, conhecimentos, dentre outras. Quando o assunto se trata de violência escolar entre os alunos é necessário incluir as relações familiares vivenciadas, que podem contribuir significativamente para a manutenção de comportamentos anti-sociais na escola, quanto as relacionadas diretamente com a escola, como o baixo desempenho acadêmico.

A escola é um espaço coletivo e quando uma criança ou um jovem adentrar na escola passa a assumir o papel de aluno, e esse aluno terá relações grupais boas ou ruins no pátio, corredores e na sala de aula, ou seja, em cada espaço da escola é predominante uma relação, comportamento e atitudes de cada aluno. (Dayrell 2001).

A escola como espaço sócio-cultural é compreendida como um espaço social próprio, tendo um conjunto de normas e regras, incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. É uma instituição que tem a função de garantir a

todos o acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente acumulados pela sociedade. (Dayrell 2001).

Bueno (2001) discorre que foi delegada à escola a função de formação das gerações em termos de acesso à cultura, de formação do cidadão e de constituição do sujeito social. A escola pode ser o único espaço social onde os alunos podem lidar com o seu conhecimento pessoal, e nele aprimorar seu conhecimento e as relações sociais que possui, ou seja, mesmo que um aluno seja agressor, vítima, agressor-vítima ou testemunha de práticas de bullying com o trabalho na escola para a sua formação como cidadão esta prática tão amedrontadora é transformada em uma interação social positiva que compreende as diferenças aceitando os indivíduos da maneira que são, e para isso é necessário aos professores formar esses alunos.

[...] É necessário as escolas, inicialmente, reconhecerem a existência do bullying (em suas diversas formas) e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes. [...] (SILVA, 2010, p. 162).

De acordo com essas pesquisas, é necessário que a escola compreenda que possui uma função social como instituição, e que nela ocorrem práticas de violência que devem ser interrompidas.

11. COMBATE AO BULLYING

Vinha, Morais, Tognetta, Azzi, Aragão, Marques, Silva, Moro, Vivald, Ramos, Oliveira e Bozza (2016) realizaram um estudo e relatam que cada vez mais é comum a percepção dos conflitos que acontecem na escola, como violência física, violência moral e violência psicológica. É apresentado também diferentes estratégias para os conflitos que acontecem no dia a dia, a atuação de forma preventiva é uma estratégia mais abrangente e de total respeito ao aluno, por isso é tão importante essa relação com os membros da instituição.

Quando o bullying ocorre dentro da sala de aula, os professores declara que não conseguem dar aula direito, pois precisando conversar com os alunos e relataram sobre a importância da escola realizar programas educativos para a prevenção do bullying. (Botelho e Souza, 2007).

Mesmo com a criação de leis como do ECA, sabemos que muitas crianças estão em fatores de risco por sofrerem violência e conviverem em um clima familiar violento, estando propensas a práticas de bullying. Desta maneira surge o Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos (PMEDH) 2006, que tem o objetivo de incentivar a elaboração de programas e projetos pedagógicos, em articulação com a rede de assistência e proteção social, tendo em vista prevenir e enfrentar as diversas formas de violência.

No Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos, criado pela UNESCO, tendo duas fases para sua implantação, a primeira de lançada em 2005 e a segunda em 2010. Neste programa os alunos são direcionados a compreensão de valores e fortalecimento de atitudes e comportamentos que respeitem os direitos humanos, e a escola institui uma educação que se pautar pelo respeito aos professores, funcionários, pais e especialmente alunos (Cunha, 2016).

Um exemplo de programa de intervenção é a Abrace foi reconhecida pela UNESCO, em 2017, como programa referência de combate e prevenção ao bullying no Brasil. Que foca na educação e na prevenção do bullying, trabalha por relações mais éticas dentro das instituições de ensino, propagando a justiça e respeito através de métodos educativos e preventivos em prol de uma sociedade livre de bullying.

O programa Escola Sem Bullying (2017) que forma instituições de ensino com recursos teórico-metodológicos para o combate e a prevenção do bullying e da violência escolar. Sua metodologia foi desenvolvida pelo Dr. Dan Olweus, *Bullying Prevention Programa* e conta com uma grade que inclui cursos de capacitação, palestras, planos de aula, livros paradidáticos, políticas pedagógicas de prevenção, aplicativos para combater o cyberbullying e apoio na intervenção e mediação de casos de bullying dentro das escolas.

Outro programa de intervenção é o Projeto "Bullying não é Brincadeira" desenvolvido pela Secretaria Municipal da Educação, no Centro de Formação Continuada. Foi criado em 2014 para promover o respeito às diferenças, às singularidades e evitar a violência entre estudantes, o projeto será implantado em mais 33 escolas, totalizando 144 unidades da rede municipal integradas, com mais de 70 mil crianças e estudantes envolvidos.

O projeto "Bullying não é brincadeira" foi elaborado para garantir respeito no ambiente escolar a partir da sensibilização dos estudantes sobre as diferenças individuais, da promoção da cultura de respeito às singularidades e diversidades, às deficiências e as necessidades educacionais específicas.

A Secretaria municipal de Educação de Curitiba iniciou um programa de intervenção que é conhecido por "Curitibinhas na Inclusão, Bullying não" foi criado em 2019.

O novo projeto busca sensibilizar os estudantes da rede por meio da reflexão e da execução de medidas educativas. A proposta também tem por objetivo despertar nos alunos e profissionais da Educação um olhar mais sensível para identificar traços de possíveis agressões.

Um projeto de "grafiteagem Bullying não é brincadeira" criado no ano de 2015, que acontece na escola municipal Araucária, de Curitiba, elaborado pela Secretaria municipal de Educação de Curitiba, foi aprovada pela presidência da República, que estabelece o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying) em todo o Brasil. O programa tem como principal objetivo prevenir e combater a prática da intimidação sistemática em toda a sociedade e caracteriza situações de agressão física, psicológica e moral que podem ser consideradas bullying.

Marianna Fanti (2014) informa que a Coordenadoria de Atendimento às Necessidades Especiais, da Secretaria de Educação de Curitiba, instituiu em

junho de 2014 o projeto Bullying não é Brincadeira, inicialmente trabalhado em 42 escolas da rede municipal de ensino. O objetivo desse projeto é trabalhar a aceitação à diversidade nos espaços escolares, e a cultura de respeito às singularidades.

A ideia surgiu a partir de uma reunião com a secretária de Educação, a implantação do projeto na rede municipal de ensino se deu de maneira gradativa. A princípio a CANE desenvolveu kits compostos por cinco bonecos coloridos, confeccionados em material plástico, acompanhados de uma apostila que apresenta as singularidades de cada personagem. Lilo, Max, Nina, Teco e Lisa tornaram mais lúdica e dinâmica a abordagem do assunto com as crianças. Embora fictícios, os personagens possuem características que são facilmente encontradas no ambiente escolar. Lilo é uma criança com autismo, Teco tem deficiência visual, Lila não ouve nem fala, Max é usuário de cadeira de rodas, e devido ao tratamento de leucemia, Nina perdeu os cabelos.

A intenção é que os professores trabalhem essa temática junto com os alunos de forma independente, com autonomia, e criassem atividades escolares que incentivassem essa conscientização.

11.1 MEDIDAS DE PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO

De acordo com A Lei 12769/13 de Diretrizes e Bases, o ensino é obrigatório dos 4 aos 17 anos, devido a LDB, todo cidadão Brasileiro tem a obrigatoriedade no ingresso a uma instituição de ensino. Mediante a esta obrigatoriedade quando perguntamos a qualquer adulto com mais de 18 anos, sendo ele ex-aluno, sobre o seu tempo de escola, a maioria pode relatar saudades, nos dizer sobre os amigos, e lembranças boas. Mas se formos analisarmos nossas experiências escolares todas elas são lembranças boas?

Uma instituição de qualidade possibilita uma formação plena, que leva no centro as concepções os aspectos físicos, cognitivos, afetivos e sociomoraes, para desenvolver cidadãos justos, honestos e educados, de modo a ser recompensados com uma vida mais produtiva e satisfatória em uma sociedade democrática. Nestas instituições de qualidade, existe um clima escolar agradável, os alunos manifestam um bom desenvolvimento de relações

interpessoais, em um espaço com muito cuidado e confiança e uma melhora no processo de ensino e aprendizagem. O envolvimento com a família é essencial para a troca de informações, pois promovem uma resolução dialógica dos conflitos. Quando se tem um ambiente e uma relação adorável com os alunos, eles se sentem mais seguros, apoiados e engajados a solucionar seus desafios. (Moro, Vinha e Moraes, 2019).

Mas infelizmente, reconhecemos que não são toda as instituições que possuem um clima escolar agradável, pois nela ocorrerem situações de violência. Na sala de aula as ocorrências de bullying são mais suscetíveis, ocorrem na maioria das vezes, de forma discreta e oculta. O conhecimento sobre os danos que esta prática gera são essenciais para todos os envolvidos sendo vítimas ou agressores, a melhoria da organização da sala de aula com o incentivo de colegas e participação da família é imprescindível (Silva, Oliveira, Silva, Pereira, Cecilio, 2015). Mediante a este fato, o combate à violência escolar, envolve toda a comunidade escolar e familiar.

[...] qualquer tipo de intervenção ao bullying deve levar em consideração as dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais, partindo do pressuposto de que elas vão se diferenciar dependendo do contexto em que estão inseridas (FREIRE, AIRES, 2012 P. 56).

O bullying pode gerar as vítimas o desenvolvimento de depressão e ingresso na criminalidade, sendo necessário a utilização de modelos de prevenção, o Programa de Prevenção de Dan Olweus serve de base a intervenções em vários países. (Pereira, Neto, Zequinão, Silva 2015), e mesmo sendo o pioneiro no assunto, o trabalho de Dan Olweus continua sendo uma grande referência ao combate a violência na escola.

Botelho e Souza (2007) enfatizam que trabalhos acadêmicos sobre intervenções sobre o fenômeno bullying começaram no Brasil a partir do século XX. Realizado um estudo em Grande Florianópolis sobre o fenômeno bullying, os participantes eram 83 alunos de quinta à oitava série do ensino fundamental e seis professores. Os alunos que sofrem bullying destacaram neste estudo não ter vontade de ir à escola, tendo sentimentos negativos e violentos.

[...] muitas crianças, perseguidas e rotuladas negativamente, são excluídas de brincadeiras, de times de futebol, de grupos de trabalho da escola, de círculos de amizades, guardando, assim, lembranças

negativas da época escolar. Este tipo de violência denomina-se bullying.” (BOTELHO, SOUZA, 2007, p. 59).

Compreendemos então a necessidade da implantação de métodos para auxiliar no desenvolvimento cognitivo do aluno que é agressor, pois quando o agressor não é mais um agressor, o índice de vítimas de bullying diminui drasticamente.

Identificar os casos efetivamente problemáticos de crianças agressoras ou agressoras/vítimas (normalmente identificados pelos professores e funcionários) e encaminhá-los para acompanhamento da equipa de saúde escolar e encaminhamento para o médico de família para posterior acompanhamento por psicólogo ou pedopsiquiatra.” (PEREIRA, NETO, ZEQUINÃO, SILVA, 2015 p. 543).

As intervenções de saúde pública são caracterizadas em termos de níveis de prevenção: (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, Lozano, 2002)

- Prevenção primária - abordagens que visam a evitar a violência antes que ela ocorra;
- Prevenção secundária - abordagens que têm como foco as respostas mais imediatas à violência, tais como assistência pré-hospitalar, serviços de emergência;
- Prevenção terciária - abordagens que visam à assistência em longo prazo no caso de violência, tais como reabilitação e reintegração, e tentam diminuir o trauma ou reduzir a invalidez de longo prazo associada à violência.

Incluímos também que as escolas podem realizar medidas de prevenção, como diz Santos, Piekoski, Kienen: “[...] medidas de prevenção primária que atinjam todos os alunos, e de prevenção secundária, focada nos grupos de risco, são essenciais para o sucesso de um programa de combate à violência escolar [...]” (p. 1031, 2015).

Silva, Oliveira, Silva, Pereira, Cecilio, (2015) analisam os estudos de Olweus em 1994, transmitem que o bullying ocorre em diferentes faixas etárias, que acontecem nos primeiros anos de escolaridade até os últimos anos dentro do ambiente escolar. As intervenções mais competentes dentro do ambiente escolar precisam dedicar-se a quatro critérios importantes:

- O primeiro critério baseia-se no envolvimento que os profissionais da educação para a diminuição da incidência de bullying. Esse papel

refere-se diretamente ao professor, pois é ele que passa o maior tempo com os alunos, então deverá identificar aqueles alunos que precisam de ajuda e oferecer qualquer apoio.

- No segundo critério é importante ressaltar as regras dos comportamentos que são julgados como adequados para todos os alunos. Nesse ponto a agressão física, verbal ou indireta é representada com um comportamento inaceitável. A esse respeito, é função da escola e do professor se colocarem formalmente no sentido não aceitar acontecimentos desses comportamentos.
- O terceiro critério é a supervisão efetiva, o contato dos alunos e funcionários em diferentes espaços do ambiente escolar, é manter o controle da situação, pois o local que acontece o maior número de agressões é nos pátios e quadras da escola por serem lugares mais isolados.
- O quarto e último critério trata-se de se trabalhar com as consequências para o bullying, é mostrar para o aluno o quando é responsabilizado por suas ações. Em termos de prevenção, é promover uma intervenção elaborada, apresentar as regras, incentivando a relação entre os alunos para a diminuição dos ataques e agressões.

Nesse sentido devemos considerar as intervenções feitas pelos professores como adequadas, por exemplo: suspender a aula para intervir no tempo que está acontecendo uma agressão ou até mesmo estimular a turma a refletir sobre o momento da agressão, mostrando aos alunos as consequências negativas do bullying.

Segundo Yoshinaga, Pereira e Silva (2015) o programa de intervenção tem como objetivo se desenvolver cada vez mais no contexto escolar. A mediação é uma ferramenta de diálogo e de encontro interpessoal que pode contribuir para a melhora das relações e para a busca satisfatória de acordos aos conflitos. A melhora das relações contribui para a diminuição dos problemas de disciplina porque o diálogo se impõe onde antes predominava o castigo, a imposição, a falta de respeito, os impulsos e as agressões.

Deste modo, com o estudo de Yoshinaga, Pereira e Silva (2015), enfatiza-se, que os modelos de intervenção antibullying pautam-se em duas

tendências gerais: 1) aquelas que se circunscrevem ao âmbito estritamente escolar; e 2) aquelas que tendem a incluir o bullying dentro dos programas mais amplos de prevenção da violência. Nessa perspectiva, a segunda tendência permite considerar o problema, suas causas e consequências, para além das escolas, compreendendo o bullying dentro da tessitura social e correlacionado com os diferentes tipos de violência produzidos na sociedade.

A pesquisa destaca a importância do estabelecimento de vínculos com a comunidade local para o trabalho conjunto, focalizando ações preventivas, a melhoria do sistema geral de convivência na escola e dos recreios escolares, o trabalho cooperativo e educativo em grupo, e uma linha de atuação direta com professores, famílias e alunos. As atividades aplicadas no programa de intervenção são voltadas para a concretização de um ambiente saudável e um bom clima escolar, para um bom relacionamento com os alunos, família e atores escolares, para ter uma decisão adequada nos relacionamentos por meio de abordagens psicoeducacionais e sócio-cognitiva (Yoshinaga, Pereira e Silva, 2015).

No estudo científico de Lorenzo, Pereira, Paiva, Gebara (2009), destaca de acordo com o índice do fenômeno do bullying se deu por ambientes de tempo livre, se da à necessidade do objetivo de uma intervenção com professores/funcionários da escola na supervisão do recreio, questionando os alunos sobre o recreio ser supervisionado, 70% dos alunos apreciaram a ideia. (Lorenzo, Pereira, Paiva, Gebara, 2009).

Infelizmente o bullying acontece no dia a dia da maioria dos jovens, o número de agressores e vítimas é alto, mostrando como esse assunto deve ser trabalhado pelos profissionais da educação, o estudioso Paulo Cesar de Barros (2012) realizou uma pesquisa e nela observou que programa de intervenção aplicado na hora do intervalo com a utilização de jogos e brincadeiras, diminuiu o índice de violência escolar.

Ou seja, dividir o intervalo de acordo com faixas etárias, proporcionando atividades com supervisão e observar as situações de bullying como ocorrem e então comunicar os setores pedagógicos, para a construção de um ambiente com relações positivas. (Botelho e Souza, 2007).

Barros (2012) aplicou um programa de intervenção diário no intervalo dos estudantes, no período de seis semanas em escolas públicas e

particulares. Revelou que os alunos afirmam que já foram vítimas de agressão mais de uma vez, afirma que as agressões cometidas por meninos são de forma direta física e verbal, como bater, socar, xingar, entre outros, e nas brincadeiras os meninos acabam praticando algum tipo de violência, mesmo sem perceber, como brincadeira de luta, por exemplo. Com as meninas essa situação muda, o bullying acontece de forma indireta, porém elas não têm o contato físico como os meninos, por outro lado utilizam a exclusão, como, excluir uma colega da brincadeira e comentários maldosos, que são tipos de agressões verbais.

No estudo realizado por Paulo Cesar de Barros (2012) afirma que os lugares com maiores índices de bullying são nas salas de aula, hora do intervalo dos estudantes e no banheiro da escola. Desse modo, podemos notar que a violência é maior nesses lugares devido a grande concentração de pessoas, com isso tem grande possibilidade de acontecer conflito com os alunos.

Muitas vezes na hora do recreio, acontece uma mistura de faixa etária dos estudantes, sendo uma diferença de idade muito grande entre eles, dessa maneira pode aumentar o índice de estudantes que foram vítimas do bullying por alunos de outras salas.

Na pesquisa de Barros (2012) há um levantamento sobre a questão de intervenção de bullying com jogos e brincadeiras, a maior parte dos estudantes, ou seja, 49% apontam que a escola deve agir com um plano de intervenção dos jogos e brincadeiras, 41% declaram que não defendem os seus colegas, perante aos acontecimentos de maus tratos na escola. Observando os resultados da pesquisa, podemos perceber que a grande maioria dos estudantes sente uma simpatia pelos alunos que são vítimas de tal violência e criticam o comportamento dos agressores, querem que os profissionais da educação intervenham realmente para se trabalhar e acabar com o bullying dentro do ambiente escolar.

Registrou-se na pesquisa de Barros (2012) que com os jogos e brincadeiras, os alunos estão mais interessados e preocupados com os seus colegas, o projeto ajudou para que os estudantes possam repensar os seus atos e mudar as suas atitudes em relação aos seus colegas. Verificou-se que com a apresentação dos materiais no programa de intervenção, promoveu

mais interação e socialização com os alunos, pois o contato que tinham entre eles com a intervenção era muito maior, as crianças fizeram amizades e criaram um vínculo umas com as outras, haviam poucos estudantes isolados, excluídos, ou seja, reduziu o número de vítimas de bullying.

Os autores Moro, Vinha e Moraes (2019), em seus estudos relatam que para uma intervenção é necessário a avaliação do clima escolar que concede que cada pessoa demonstre as suas impressões, experiências vividas e sentimentos dentro da escola. O convívio dos indivíduos permite uma lembrança do ambiente socioeducativo, podendo ele ser bom ou ruim e mediante as experiências negativas, formulamos a intervenção.

É necessário um diagnóstico do clima escolar para a percepção que os profissionais da educação elaborarem um plano de intervenção de alto nível para a melhora no ambiente socioeducativo. Desse modo, é importante a participação da comunidade escolar e psicólogos, para a solução dos problemas enfrentados no ambiente escolar, pois assim surgem uma boa relação entre os profissionais da educação com os alunos, a afetividade e o modo como agir. (Moro, Vinha e Moraes, 2019).

Como prática de intervenção é necessário o envolvimento de toda a comunidade escolar, reconhecer cada aluno como indivíduo implicando uma maior vinculação entre professor e aluno, uma maior supervisão dos alunos em locais da escola com maior frequência de ocorrências de agressões, a definição das regras escolares sendo explícitas para um comportamento adequado dos alunos. (Silva, Oliveira, Silva, Pereira, Cecilio, 2015).

Segundo Rigobello (2009) a escola pode contribuir para evitar a violência, ao transmitir valores ajudando os alunos a desenvolverem atividades e habilidades para terem uma vida profissional e pessoal melhor e, sobretudo, uma sociedade mais justa e consciente de seu papel.

Incorporamos também a grande importância da formação dos professores. Um estudo realizado em uma escola no Norte de Portugal para avaliar o impacto de um projeto de intervenção “Nós e os Outros” sobre estudantes que se considera bullies (agressores), como vítimas e bully/victims (agressores/vítimas), relata que realizaram um questionário sobre as ocorrências de bullying em Novembro de 2012 e então iniciaram um projeto de intervenção, que obtinha a formação de 20 professores, formação de pais,

desenvolvimento de competências sociais positivas, tornando mais agradável o recreio com supervisão, melhoraram o transporte escolar, entre outras práticas. Em Junho de 2013 com a aplicação do mesmo questionário o resultado sugere a diminuição da existência do bullying devido ao projeto. (Macedo, Martins, Cainé, Macedo, Novais 2014).

Programas de desenvolvimento social para reduzirem o comportamento antissocial e agressivo de crianças e adolescentes como a administração da raiva, ou seja, modificar o comportamento negativo e a adoção de uma nova perspectiva social. As abordagens terapêuticas, também têm sido utilizadas junto às famílias para evitar a violência juvenil, existem muitas formas de terapia com o objetivo de melhorar a comunicação e as interações entre pais e filhos, e resolver os problemas que venham a surgir na escola. (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, Lozano, 2002).

Pereira, Neto, Zequinão, Silva (2015), realizaram um estudo descritivo de intervenção avaliando o contexto de toda comunidade escolar e familiar, obtendo parcerias com instituições de saúde, esclarecendo a necessidade de investir em atividades educativas para que os alunos se tornem mediadores de comportamentos pró-sociais, relatando casos de bullying e se tornando essencial a intervenção de professores e funcionários. Os autores sobressaem a importância da junção da escola com uma formação dos docentes e com a instituição da saúde, para a melhoria do desenvolvimento psíquico e de aprendizagem dos alunos:

[...] aprendem a defender os seus direitos democráticos e dos outros colegas, as vítimas aprendem que muitas outras crianças estão em sofrimento e que a culpa não é delas, mas de quem as está a maltratar no dia a dia, para os agressores, é-lhe dada a oportunidade de se colocarem no lugar do outro e, assim, perceberem o mal que estão a causar a alguns colegas e as vítimas provocadoras vão ser mais vezes confrontadas com as situações de mediação pelos pares. (PEREIRA, NETO, ZEQUINÃO, SILVA, 2015 p. 543).

Como cada escola possui uma realidade diferente, o bullying deve ser analisado de modo descontextualizado, tornando-se necessário um avaliador psicólogo escolar/educacional, com uma prática preventiva de caráter clínico, abordando a discussão e reflexões sobre a violência, construindo relações mais saudáveis entre os alunos, normas e regras de conduta no ambiente escolar. (Freire, Aires 2012).

Abrangendo o reconhecimento destes alunos, além de um trabalho em sala de aula é importante a presença da intuição de saúde, na medida que o bullying é um fenômeno que atinge toda a sociedade. Segundo Freire e Aires “o psicólogo é o profissional apto para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, ajudando a escola a construir espaços e relações mais saudáveis” (p.58, 2012).

São os psicólogos que auxiliam os profissionais da educação, a englobar as causas e intervenções aos atendimentos aos alunos e a compreender o risco que esse comportamento causa. A mediação necessária deve ser realizada tanto para vítima como agressor, pois com o diálogo descobrimos as causas que levam o agressor a praticar o bullying, como estar em situação de vulnerabilidade familiar.

[...] o psicólogo atuaria na mediação de conhecimentos, valores, normas e atitudes positivas, auxiliando tanto os profissionais quanto os alunos a lidarem com suas emoções, criando espaços para a expressão de afeto e contribuindo para a reflexão e melhoria das relações sociais na escola (FREIRE, AIRES, 2012, p. 59”).

Nos acompanhamentos dos psicológicos aos alunos sejam eles os agressores, vítimas agressores e vítimas, resulta em um dos principais métodos de intervenção. É necessário que exista uma relação de afetividade, um sentimento de reciprocidade do aluno com os profissionais da educação e se possível com o psicólogo.

A escola é um contexto que propicia desenvolvimento de habilidades, competências, formação e desenvolvimento de conceitos, saberes e opiniões, por isso tem o papel fundamental de buscar alternativas para o enfrentamento e prevenção do bullying. Nessa perspectiva, aponta-se a importância da inserção do psicólogo escolar/educacional, objetivando realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência no contexto em que ocorre (FREIRE, AIRES, 2012 p. 56).

O aluno obtendo o sentimento de segurança com o profissional que está presente na situação, se sentirá à vontade para relatar os acontecimentos e assim conseguirmos trabalhar para a melhoria do problema. Sendo assim, mesmo a atitude do agressor não sendo certa, não podemos fazer com que sinta isolado, mas ajudá-lo, pois, sem agressores não existem vítimas de bullying

A autora Carla Mendes (2011), realizou um estudo em Lisboa, para a elaboração dos métodos de intervenção, foi verificada principalmente a prevalência de bullying de estudantes do 5º e do 6º ano, estes foram os alvos da pesquisa, com questionários pré-intervenção (Dezembro de 2006 a Maio de 2007) e pós-intervenção (Junho e Julho de 2007), na primeira etapa contendo 307 estudantes e na segunda 283 após os métodos de intervenção, esta diferença de alunos foi causada pela troca de colégio no ano seguinte. Os questionários foram respondidos pelos alunos anonimamente, com seu discernimento sobre bullying direto, bullying indireto e vandalismo na escola, se classificando com vítimas, agressores e/ou testemunhas da violência escolar.

Mendes (2011) enfatiza que seu estudo foi realizado com o Programa Nacional de Saúde Escolar em Portugal, sendo direcionado o programa por enfermeiros, pois em uma pesquisa foi revelado que 95% dos estudantes vítimas do bullying nas escolas, declaram ter melhorado sua situação com a intervenção do enfermeiro de saúde escolar. O programa se efetivou com a realização de formação de 8 professores, reuniões com 5% familiares, com recreios supervisionados e com atividades para os alunos, com acompanhamentos de psicólogos aos alunos, durante 18 semanas foram realizadas pelos professores, atividades de grupo com reforços positivos, com atividades capazes de estimular o discernimento em melhores atitudes frente a caso de violências escolares.

Os resultados obtidos, que chama a atenção é a redução significativa de vítimas, que quando agredidas na presença de terceiros na escola 32,6% chamavam de imediato um adulto no primeiro teste e na segunda fase esse percentual aumentou significativamente com 64,3% das testemunhas chamando de imediato um adulto, com um aumento significativo do apoio prestado por professores e outros funcionários da escola, os dados sobre o bullying da ocorrência de vítimas do bullying direto (violência física e verbal) diminuiu 10,8%, de bullying, indireto (focos e exclusões) 16,3%, de estudantes agressores que realizavam bullying direto diminuiu 8,6 % e bullying indireto 14,8%.(Mendes, 2011).

Sucedido as concepções de Clima Escolar positivo, e os professores com formação específica, para identificar agressores e vítimas do bullying e

conscientizando os alunos a fortalecerem relações sociais positivas, se designa como prevenção a violência.

11.2 INTRODUZINDO AÇÕES ANTIBULLYING NA SALA DE AULA

Os programas de intervenção escolar têm como objetivo de comover a comunidade escolar para recuperar a autoestima, o desenvolvimento psicossocial e a convivência harmônica no ambiente escolar e social dos estudantes que são vítimas das agressões físicas ou psicológicas.

Cada aluno tem o seu direito pela educação, é ensinando na diversidade que aprendemos que independente das nossas dificuldades, físicas, sociais e culturais, para que assim a sala de aula se torne um ambiente agradável para todos, não apenas para a aprendizagem, mas para o respeito ao próximo e a convivência harmônica dos estudantes, desta maneira podemos desenvolver a educação inclusiva na escola.

O ambiente escolar forma o cidadão para uma participação ativa na formação do aluno, promovendo a aprendizagem dos direitos e deveres. É de extrema importância que o professor trabalhe o bullying e a valorização do respeito, assim estará formando um cidadão capaz de fazer a diferença, buscando uma sociedade mais justa.

Professores com uma formação específica do fenômeno bullying, relatam a necessidade de aplicação de conceitos de ética e axiologia que são estudos de valores, citam o exemplo do professor eleger um caso de bullying que ocorreu na sala de aula e fazer perguntas relacionadas ao sentimento da vítima do bullying e se essas atitudes são apreciadas pelos alunos, sendo uma reflexão individual e coletiva, com auxílio da elaboração de cartazes, materiais didáticos e diversas literaturas. (Santos, Perkoski e Kienen, 2015).

A escola institui ao professor o papel de formação do aluno, e o fato de a ética estar introduzida como um dos temas transversais dos PCNs (documento que orienta as ações educativas das escolas brasileiras) a ética deve ser conduzida ao entendimento dos alunos e com ela os casos de violência devem ser refletidos, pois no PCN a ética é um pensar, refletir e construir para que os alunos sejam autônomos, vivam em uma sociedade livre, justa e solidária, reduzindo as desigualdades para o bem de todos, sem

preconceitos de origem, raça, sexo, cor idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Neste sentido é função social da escola ensinar o tema da ética aos alunos, para uma formação moral do aluno na educação das atitudes correspondentes ao que se afirma ser uma formação cidadã, nos PCNs, a autonomia é concebida sob o âmbito da autonomia moral que é entendida como capacidade ética que, junto à autonomia emocional, envolve o auto respeito, respeito mútuo, segurança, sensibilidade, etc. Consideração então que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) orientam os professores a trabalharem os conteúdos de ética na sala de aula, o que proporcionará a redução da prática do bullying.

Segundo Gomes (2010) com o ensino e a aprendizagem da ética na escola, é favorecida em maior ou menor medida o desenvolvimento da autonomia e o aprendizado da cooperação e da participação social, fundamentais para que os alunos se percebam como cidadãos, sensibilizando os alunos sobre as questões morais, fazendo com que os mesmos considerem os sentimentos dos alunos.

Susan Ferst (2016) ressaltou que a necessidade de as escolas envolverem os estudantes e a comunidade escolar na busca de soluções que previnam o bullying. Este assunto inclui o cotidiano pedagógico das escolas. Os estudantes se colocam em uma posição de ator para ações eficazes para a formação e desenvolvimento de uma cultura de paz.

Segundo Dayrell (2001) o principal lugar de socialização e interação entre os pares é a sala de aula. O autor expõem a ideia de que a cadeira onde cada aluno assenta assume seu lugar e coincide com os comportamentos dos grupos: os “bagunceiros” tradicionalmente ocupa o fundo da sala, os “inteligentes” ocupam as cadeiras da frente e paralelamente existem conversas, brincadeiras de mal gosto denominadas bullying, que ocorrem nos grupos que se formam na sala de aula, cada grupo tem regras e valores próprios. Existem também alunos “soltos”, que parecem não se ligar a nenhum dos grupos existente na sala, ou porque não se identificam, ou porque, de alguma forma são excluídos.

Nós não podemos generalizar que cada aluno que se assenta em um determinado lugar é excluído, pratica bullying ou sofre as agressões, porém de

acordo com o estudo de Dayrell e com nossas próprias experiências como alunos e docentes, conseguimos perceber que realmente a sala de aula é um espaço onde os alunos se agrupam por interesses e outros não se encaixam nesses grupos e se isolam. Sendo uma ótima opção a mesclagem dos alunos, fazer com que não possuam lugares fixos na sala de aula e a produção de trabalhos em equipes.

Bérgamo (2016), nos transmite exemplos de como trabalhar o bullying, como suspender a aula devido a uma ocorrência de bullying, fazer com que todos os alunos que participaram da vitimização, sendo vítimas, agressores ou espectadores, reflitam sobre o momento da agressão, mostrando aos alunos as consequências negativas do bullying. Outras formas antibullying segundo Bérgamo (2016) são:

- Dialogar: conversar com os alunos, esclarecer que o comportamento agressivo não é permitido, para que assim diminua as ocorrências de bullying;
- Acompanhar: é a monitoria do bullying, ou seja, observar os alunos;
- Mediar: discutir com todos os alunos envolvidos (vítima e agressores) opções para resolver a situação, incentivar a reflexão dos alunos sobre o acontecimento para chegar a uma solução, ou seja, um diálogo dos alunos;
- Oferecer suporte: é função da instituição escolar acolher os alunos envolvidos em situações de vitimização;
- Envolver outros adultos: chamar os pais ou responsáveis dos alunos envolvidos em qualquer tipo de agressão para uma conversa, e os alunos precisam ser encaminhados para atendimento especializado (psicólogos) e discutir o ocorrido com outros professores para em conjunto pensar em soluções;
- Ação disciplinar: chamar a atenção dos alunos agressores, levá-los até a coordenação para que seja feita uma advertência por escrito, conversando com os envolvidos para encontrarem uma solução.

Na rotina da sala de aula, compreendemos também que o bullying é um fenômeno de ocorrência contínua na vida de muitos jovens em sala de aula, que tem sempre a presença de um professor, este que por ser atarefado com a transmissão de conteúdo, por ter um número grande de alunos em sala

de aula, não consegue dar atenção suficiente aos alunos, compreender que as brincadeiras em sala não são brincadeiras e sim sátiras a algum aluno que está sendo excluídos.

Estes alunos são excluídos porque são vítimas de bullying, considerando as respostas dos estudantes, as ocorrências de bullying são frequentes no intervalo, na sala de aula, no percurso da escola e em redes sociais. Sendo necessários toda instituição, docentes e funcionários identificar alunos alvos da violência. (Botelho e Souza,2007).

É importante sempre criar e estimular a interação dos alunos, o professor deve sempre produzir atividades que mostrem para os nossos jovens o sentimento de se importar com o outro, mostrando uma relação afetiva com seus colegas, prevalecendo à escuta, apoio mútuo, vínculo interpessoal positivo e a cooperação, são importantes para a interação de todos.

Outra maneira de integrar o aluno dentro da sala de aula é trabalhar a diferença de cada indivíduo, para que compreendamos e saibamos conviver bem em sociedade, devemos respeitar e conhecer a diferença do outro.

De acordo com Maria Tereza Maldonado (2015), criar “contratos de convivência”, mostrar aos alunos o que pode ser aceitável e o que não pode acontecer no ambiente escolar, pois quando os “acordos de bom convívio” não são respeitados haverá uma consequência como uma reparação de danos. É importante também existir uma boa relação da escola com a família do aluno, pois com essa relação é possível que o estudante se sinta mais confortável em compartilhar os seus sentimentos, e dessa forma o professor pode levar isso para fora do ambiente escolar.

11.3 COMO TRABALHAR COM O BULLYING

Além da formação específica, é necessário um novo olhar do professor ao seus alunos, cabe ao professor observar a interação dos alunos, identificar se está existindo em sua sala de aula tal prática, se presencia atitudes de violência como empurrões, apelidos, sátiras, humilhações, e caso esteja ocorrendo este tipo de situação além de informar a gestão pedagógica, é necessário conversar com os alunos e trabalhar este fenômeno em sala, como

por exemplo em atividades em grupo, jogos, ou até uma brincadeira que envolva todos da sala de aula.

Os alunos alegam que a medida preventiva para o bullying é necessidade de informar aos pais dos agressores o seu comportamento. (Botelho e Souza,2007).

A escola pode e deve representar um papel fundamental da redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já instalados. Para isso, é necessário que a instituição escolar atue em parceria com as famílias dos alunos e com todos os setores da sociedade que lutam pela redução da violência em nosso dia a dia. Somente dessa forma seremos capazes de garantir a eficácia de nossos esforços (SILVA, 2010. p. 161).

As atividades devem ser planejadas com muito cuidado e atenção para se trabalhar o tema bullying em sala de aula, o professor deve aplicar atividades lúdicas, contendo regras para que o aluno faça parte de um processo de ensino aprendizagem e consiga assim respeitar a diversidade, pois com isso o aluno perceberá as suas ações.

Segundo estudos de Bérghamo (2016) a autora destaca quatro critérios para a intervenção nas escolas:

- O envolvimento dos profissionais da educação para a diminuição do bullying, principalmente os professores, porque ele que passa o maior tempo com os alunos, então precisa identificar os alunos que são vítimas de bullying para oferecer ajuda a esses alunos;
- As regras de comportamento adequados precisam ser frisadas para os alunos e comportamentos negativos ressaltados como inadequados. Sendo função da escola formularem as regras.
- O local com maior incidência de bullying é no intervalo das aulas, em ambientes como pátios, por serem lugares isolados, é necessário uma supervisão eficaz de inspetores e funcionários da escola;
- É necessário trabalhar com os alunos as consequências do o bullying, as leis destinadas a ações antibullying, incentivando a relação positiva entre os alunos para a diminuição dos bullying.

O docente deve aderir à capacidade de produzir e se habituar para aprender diferentes possibilidades de aprendizagem e a escola tem um papel

importante que é alertar toda a comunidade escolar os perigos do bullying, para que todos fiquem cientes do mal que isso faz para os jovens.

[...] mostrar a importância da participação da comunidade na escola, de forma que o conhecimento apreendido gere maior compreensão, integração e inserção do mundo; a prática escolar comprometida com a interdependência escola-sociedade tem como objetivo situar as pessoas como participantes da sociedade – cidadãos - desde o primeiro dia de sua escolaridade. (BRASIL, 1998, p. 10).

Quando trabalhamos com a relação democrática dentro do ambiente escolar, com um programa de prevenção à violência é provável que surja efeitos rápidos na instituição, porém as intervenções devem circular ao redor da escola, para que os alunos tenham o contato necessário para tais informações. (Silva, Assis, 2018).

Os professores deverão elaborar as intervenções e apresentá-las em sala de aula, para melhorar o comportamento dos alunos. Desse modo, a agressão prática deve diminuir, causando aos alunos um domínio de conhecimento mais amplo e diversificado. (Silva, Oliveira, Silva, Pereira, Cecilio, 2015).

Aplicar diferentes atividades é o que estimula os alunos e favorece o seu trabalho em equipe e também o respeito ao grupo, os estudantes percebem que a presença de seu colega é de extrema importância, pois precisamos da ajuda de todos para elaborar um ótimo trabalho.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência própria de envolvimento com o bullying, inconformadas com as ocorrências de violência entre os alunos, realizamos este trabalho com o intuito de explicar o que é o bullying e a necessidade de intervenções. Nosso objetivo é a contribuição para a erradicação de vitimização entre alunos, para que seja construído uma sociabilidade no espaço escolar, pautado por interações positivas, valores de solidariedade e de convivência respeitosa com as diferenças.

Concluimos que como o bullying é um fenômeno que acontece ou pode vir a ocorrer em qualquer instituição escolar, é necessário intervenções para essa vitimização que ocorre entre os pares, para que a violência entre os alunos deixe de existir. Para isso é necessário diante da violência escolar mediar e acompanhar o Clima Escolar e buscarmos uma melhor formação aos professores sobre o tema bullying e gestores com formação em psicologia ou até mesmo um psicólogo escolar.

Como o tema é pouco tratado nas escolas e nas mídias, é necessária uma formação inicial sobre o bullying e incluir no currículo escolar programas de intervenções sobre a violência escolar. A instituição Escolar precisa realizar discussões sobre o tema para alertar alunos e familiares sobre as interações negativas entre os alunos.

As vítimas do bullying sofrem variados quadros de agressão, que pode levar a originar danos graves na vida dos indivíduos que são envolvidos por tal violência. Muitas vezes, os agressores são jovens que passam por problemas psicológicos ou que sofrem agressões no ambiente familiar e tentam transferir os seus traumas por meio da agressividade contra os outros, estes alunos também precisam ser acompanhados.

O bullying gera sequelas aos envolvidos, sendo necessária a sensibilização do tema e agregar a importância da discussão dele entre os alunos, família e instituição escolar, com uma formação inicial adequada a respeito do bullying e o incentivo de formação continuada aos funcionários da escola.

Por fim, é importante ressaltar que o papel dos profissionais envolvidos com a educação é transformar o ambiente escolar em um lugar muito agradável, incentivar a interação entre os estudantes e oferecer conforto e segurança para os alunos, assim todos terão a experiência harmônicas para seu aprendizado e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, S. C.; GONZÁLES-CARRASCO, M.; MONTSERRAT, C.; CASAS, F.; VINÃS-POCH, F.; ABREU, D. P. **Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar.** Instituto de Investigaciones sobre Calidad de Vida, Facultad de Educación y Psicología, Universitat e Girona. *Ciência & Saúde Coletiva* 24(2) – 2019.
- AMORIM, C. **Bullying: compreensão e intervenção – experiências internacionais.** IX congresso nacional de educação – EDUCERE III encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCPR, 2009.
- ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores.** Rio de Janeiro: Ministério da Educação, Editora FIOCRUZ, 2010.
- AKIYAMA, E.M.; SILVA, J.A. **Afetividade na Educação Infantil.** Caderno Multidisciplinar de Pós-Graduação da UCP, Pitanga, v.1, n.3, 2010.
- BARROS; Paulo Cesar. **Jogos e Brincadeiras na Escola: Prevenção do Bullying entre crianças no Recreio.** Universidade do Minho Instituto de Educação, 2012.
- BERNARDI, Cristina Helena; MAIA, Helenice. **Bullying escolar: uma análise do discurso de professores.** *Polêm!ca*, v. 9, n. 2, 2010.
- BÉRGAMO, Leticia Nagel. **Vitimização entre pares e práticas docentes no Ensino Fundamental.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná. 2016.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª Série): **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília. MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Parâmetros curriculares Nacionais - **Apresentação dos Temas Transversais e Ética.** 2ª Ed., Brasília 2000.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – **Introdução aos Parâmetros Curriculares.** Brasília, 1997
- BRASIL. Presidência da República. **PNEDH: Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília: SEDH, MEC, MJ, 2008.
- BHERING, Eliana; SARKIS, Alessandra. **Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil.** *Horizontes*, v. 27, n. 2, 2009.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução. Elementos Para Uma Teoria do Sistema de Ensino.** Editora Vozes; Edição: 5ª, 2011.

BOTELHO, R. G; SOUZA, J.M.C, **Bullying e Educação Física nas escolas: características, casos, consequências e estratégias de intervenção**. Universitat Autònoma de Barcelona - Bellaterra - Barcelona – Espanha, Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) - Niterói - RJ - Brasil. Revista de Educação Física - No 139 – Dezembro de 2007.

BUENO, José Geraldo Silveira. **A Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. Educar, Curitiba, n. 17, p. 101-110. Editora da UFPR, 2001.

CARDOSO, M. A.; LARA, A. M. B. **Sobre as funções sociais da escola**. IX Congresso Nacional de Educação- EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia PUC – 2009.

CARVALHO; J,E. **Os benefícios das atividades lúdicas para a prevenção do bullying no contexto escolar**. Universidade do Minho Instituto de Educação, Junho de 2012.

CBN CURITIBA/SMEC - SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE CURITIBA. **“Curitibinhas na Inclusão, Bullying não”**, 2019.

CECCONELLO, A. M.; ANTONI, C.; KOLLER, H. S. **Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 8, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade-bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente, 2008.

COELHO, C. C. A.; DELL’AGLIO, D. B. **Clima escolar e satisfação com a escola entre adolescentes de ensino médio**. Psicologia: Teoria e Prática, 21(1) – 2019.

CONSTANTINI, Alessandro. **BULLYING, como combatê-lo: prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. SP: Itália Nova editora, 2004.

CORREIA, Marcos Miranda. **Trabalhando com jogos cooperativos**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2006.

CUNHA, Josafá. **Aprendendo a Conviver**. Livro 1. Universidade Federal do Paraná Sistema de Bibliotecas, Coordenação de Processos Técnicos. 2018.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. **A escola como espaço sócio-cultural. Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, 17(36), 2007.

FANTI, Marianna. **Bullying não é brincadeira**, República tudo sobre gestão pública, Universidade Metodista de São Paulo, 2014.

FEDERAL, Senado. **Projeto de Lei da Câmara nº 68, de 2013**, Anexado Ofício SF nº 221 de 24/03/15, ao Senhor Primeiro-Secretário da Câmara dos Deputados, comunicando que o Senado Federal aprovou, em revisão, substitutivo ao Projeto Câmara dos Deputados, 2015.

FERNÁNDEZ, Isabel. **Prevenção da Violência e Solução de Conflitos: o clima escolar como fator de qualidade**. São Paulo: Madras, 2005.

FREIRE, A. N.; AIRES, J. S., **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 16, Número 1, Janeiro/Junho de 2012.

FREITAS, Luciano. **Bullying: Programa de Prevenção da Violência entre Alunos no Ambiente Educacional**. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária Belo Horizonte, 2004.

GOFFMAN, ERVING. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ªed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1988.

GOMES, Tatiana, **A ética como tema transversal nos parâmetros Curriculares Nacionais: A questão da autonomia**. Dissertação UNIMEP Sp, 2010.

KRUG, E.G.; DAHLBERG, L. L.; MERCY, J. A.; ZWI, A. B.; LOZANO, R. **Relatório Mundial sobre violência e saúde**. Organização Mundial da Saúde Genebra, 2002.

Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Projeto de Lei do Senado nº 228, de 2010 Acesso: 18/08/2019. Disponível em : <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/97988>

Lei n 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). 2015. Acesso: 14/10/2019. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm

LOURENÇO, L. M.; PEREIRA, B.; PAIVA, D. P.; GEBARA, C. **A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas portuguesas**. Revista Interacções, n 13 – 2009.

MACEDO, E; MARTINS, F.; CAINÉ, J. ; MACEDO, J.; NOVAIS, R. **Bullying escolar e avaliação de um programa de intervenção**. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, ESPECIAL 1 – Abril de 2014.

MARCOLINO, E. C.; VIEIRA, C. R. D.; CAVALCANTI, A. L. **Bullying: revisão do sistema acerca da vitimização, agressão e ações preventivas**. Revista Unimontes Científica, Montes Claros, v. 15, n. 1 - 2013.

MALDONADO; M,T. **Como integrar melhor os alunos e acabar com o bullying**, revista colégio marupiara, 2015.

MICHAELIS. **Dicionário da língua portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2019.

MENDES, Carla Silva. **Prevenção da violência escolar: avaliação de um programa de intervenção**. Revista da Escola de Enfermagem da USP 45 (3). Editorial Universidade de São Paulo.- 2011.

MORO, A; VINHA, T.P; MORAIS.A. **Avaliação do clima escolar: construção e validação de instrumentos de medida**. 312 Caderno Pesquisa, São Paulo, v.49, 2019

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M.; PASINI, A. I.; LEWANDOWSKI, G. **O bullying escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos**. Universidade Presbiteriana Mackenzie. *Psicologia: Teoria e Prática*. 15 (2) - 2013.

PEREIRA, B. O.; NETO, W. B.; ZEQUINÃO, M. A.; SILVA, I. P. **Prevenção do Bullying no Contexto Escolar: Implementação e Avaliação de um Programa de Intervenção**. Universidade do Minho (UM), Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), Portugal; Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil. Livro de Atas do XI Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde (SIEFLAS). Perspetivas de Desenvolvimento num Mundo Globalizado. Porto: Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico do Porto. – 2015.

PITON, N.N; MACHADO, C. **Clima escolar: mapeamento e análise de artigos científicos constantes no portal de periódicos CAPES**. Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 1, 2019

PMC/SME - PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Projeto "Bullying não é Brincadeira"**, 2016.

RIGOBELLO, Adalberto Carlos. **Caderno Temático: O bullying no cotidiano escolar: do diagnóstico à intervenção**. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, Volume 2, 2009.

SALLES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. **Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões**. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas, 2008.

SANTOS, M. M.; PERKOSKI, I. R.; KIENEN, N., **Bullying: Atitudes, Consequências e Medidas Preventivas na Percepção de Professores e Alunos do Ensino Fundamental**. Temas em Psicologia, Vol. 23, no 4, 1017-1033 – 2015.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying mentes perigosas nas escolas**, Editora Globo S.A, 2ª edição, 2015.

SILVA, Elizângela Napoleão; ROSA, Ester Calland S. **Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente**. Semestral da

Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 2, 2013.

SILVA, J. L.; OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A.; PEREIRA, B. O.; CECILIO, S. **Estudo exploratório sobre as concepções e estratégias de intervenção de professores em face do bullying escolar.** Revista Psicologia: Teoria e Prática, 17(3), São Paulo, 2015.

SILVA; R,F; ASSIS, G,S. **Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura.** Educ. Pesqui., São Paulo, v. 44, 2018.

SÓ, S. L. **Bullying nas escolas: uma proposta de intervenção**, universidade federal de Rio Grande do Sul – instituto de psicologia, 2010.

SMC - SECRETARIA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Grafitagem Bullying não é brincadeira**, extraclasse, 2015.

STELKO-PEREIRA, A., SANTINI, P. M.; WILLIAMS, L.C. **Um livro a se debater: Bullying: mentes perigosas nas escolas, de Ana Beatriz Barbosa Silva.** Psicologia: Teoria e Prática. 14 (1) – 2012.

VALLE, Ione Ribeiro. **A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.33, n.1. 2007.

VINHA, T.P; MORAIS,A; TOGNETTA,L.R.P; AZZI, R.G; ARAGÃO, A.M.F; MARQUES, C.A.E; SILVA, L.M.F; MORO,A; VIVALD, F.M.C; RAMOS, A.M; OLIVEIRA, M.T.A; BOZZA, T.C.L. **O clima escolar e a convivência respeitosa nas instituições educativas.** Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 27, 2016.

YOSHINAGA, C. M.; PEREIRA, B. O.; SILVA, M. A. I. **Programa de intervenção antibullying: saúde e educação em foco.** Educere – XII congresso nacional de educação, 2015.